



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO - FAC
JORNALISMO

JULIA DE RESENDE BORGES

FUTEBOL É COISA DE MULHER

UM PODCAST SOBRE OS ESTEREÓTIPOS E O MACHISMO NO FUTEBOL

FEMININO NO CONTEXTO BRASILEIRO

Brasília - DF

2023

JULIA DE RESENDE BORGES

FUTEBOL É COISA DE MULHER

Um podcast sobre os estereótipos e o machismo no futebol feminino no contexto brasileiro

Memorial de produto apresentado ao Curso de Jornalismo da
Faculdade de Comunicação da Universidade de
Brasília, como requisito parcial para
obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Dra. Kelly Tatiane Martins Quirino.

Brasília - DF

2023

JULIA DE RESENDE BORGES

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho por qualquer meio convencional ou eletrônico para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Bf Borges, Julia
 Futebol é coisa de Mulher / Julia Borges; orientador:
 Kelly Quirino. -- Brasília, 2023.
 70 p.

 Monografia (Graduação - Jornalismo) -- Universidade de
 Brasília, 2023.

 1. Podcast. 2. Jornalismo esportivo. 3. Futebol
 Feminino. 4. Machismo e futebol. 5. Estereótipos de gênero .
 I. Quirino, Kelly, orient. II. Título.

FUTEBOL É COISA DE MULHER

Memorial de produto apresentado ao Curso de Jornalismo da
Faculdade de Comunicação da Universidade de
Brasília, como requisito parcial para
obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Aprovado pela Banca Examinadora em fevereiro de 2023.

Profa. Dra. Kelly Tatiane Martins Quirino

ORIENTADORA – FAC/UNB

Clarissa Raquel M Dala Senta

MEMBRO 1

Alessandra Colturato

MEMBRO 2

Elen Cristina Gerales

x

SUPLENTE

Uma homenagem a todas as meninas e mulheres que jogam futebol – profissional ou amador - em um país como o Brasil, ainda tão sobrecarregado com as raízes do machismo e patriarcado.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, um agradecimento a minha família, que me proporcionou acesso a um ensino de qualidade e hoje posso colher os frutos dessa trajetória. Um grande obrigada aos meus pais, Jucimar e Kele, que me criaram com todo amor, sempre me incentivaram a praticar esportes e celebravam minhas medalhas e troféus.

Agradeço a minha irmã caçula, Beatriz, que sempre esteve ao meu lado, dando apoio e carinho. Obrigada também a minha cadelinha de estimação, Mel, que mesmo sendo um ser irracional, transmitiu muito amor e apoio emocional durante toda a minha trajetória ao longo desse um ano de construção do meu trabalho de conclusão de curso.

Agradeço ao meu avô, João Alves de Rezende, que infelizmente não está mais neste plano junto a mim, mas é a grande fonte de inspiração deste trabalho. Foi quem sempre me incentivou a jogar futebol, independentemente de ser com homens ou mulheres, meninos ou meninas. E quem me deu a minha primeira bola de futebol. Meus pensamentos, sentimentos e palavras estarão sempre com o senhor.

Agradeço a todos os professores que me acompanharam desde o ensino infantil e me incentivaram durante minha formação educacional. Em especial, aos meus professores do ensino médio do Colégio Seriös (Brasília – DF). Entre eles, destaco: Sharlene L. (redação), David N. (história), Patrícia M. (espanhol), Igor S. (sociologia), Bernadete F. (filosofia), Marcus V. (física), Waldson M. (gramática), Gilver F. (química), Rivaél R. (artes visuais). Foram cruciais no desenvolvimento do meu pensamento crítico e me transformaram em uma pessoa mais cidadã e humana.

Minha grande amiga de infância, Angélica Cardoso (hoje também formada em pedagogia pela UnB), que estudou comigo praticamente durante toda a minha vida, ajudou me com provas de bolsa nas escolas particulares e auxiliou meu ingresso na Universidade de Brasília. Minha gratidão é eterna. Agradeço a equipe do IMP, cursinho que fiz na Asa Sul para o Enem, que sempre foram atenciosos as individualidades e dúvidas dos estudantes.

Agradeço também aos meus amigos e amigas, principalmente Juliana T., Jade L., Renata T., Júlia G., Lorrane F., Gustavo N., Maíra N., Vinícius G., Luanna F., Tatiana B., Ana Carolina L. e também as pessoas com quem dividi minha rotina na Universidade de Brasília e se tornaram não só colegas, mas grandes amigas: Ana Lídia A., Eline S., Marcella R., Giulia L., Ana Carolina T. Obrigada aos meus professores e professoras da Universidade,

que apresentaram um mundo cheio de oportunidades, crescimento e desafios. Compartilharam os seus saberes acadêmicos e pessoais, confiaram no potencial de cada um de nós e nos impulsionaram a acreditar que podemos construir algo melhor para a sociedade através da prática jornalística.

Agradeço aos amigos que fiz durante meu estágio em escritório de advocacia, são eles: Laura R., Geovanna T, Karoline A., Isabela J., Wanderson S., Matheus C, Karolyne C., Thaís A. e Fernanda S. Sem eles, não teria superado muitos momentos difíceis e decisivos durante o dia a dia; nos tornamos uma família. Agradeço aos meus amigos e colegas que tive o prazer de conhecer durante o meu estágio na Agência Nacional de Energia Elétrica. Tornaram-se pessoas especiais e sempre os guardarei com carinho no coração.

Agradeço também a uma pessoa especial que eu conheci quase no fim dessa jornada. Ensinou-me muitas coisas, entre elas o poder de amar e de acreditar na nossa capacidade. Em vários momentos em que pensei em desistir, foi ela quem me levantou durante os meus tropeços e me fez entender que a vida é assim mesmo. Altos e baixos. Você sempre estará comigo, independente do que acontecer.

Um grande obrigada à minha orientadora, a professora Kelly Quirino, que conheci através da disciplina Epistemologias Negras. Com certeza, uma das pessoas mais especiais e que mais me fizeram crescer no ano de 2022. Agradeço também ao professor Glauco Falcão, da disciplina Programas Preventivos – que pertence à Faculdade de Educação Física. Nessa reta final de conclusão de curso, o seu jeito amável e acolhedor de ensinar, tornaram tudo mais leve e fez com que eu enxergasse mais do que eu posso ver. Um agradecimento amado a Universidade de Brasília, esse lugar ímpar no Brasil, de onde provém tantas pesquisas, conhecimentos, pessoas humanas e profissionais bem qualificados. Um lugar que nos impulsiona a experimentar o que podemos e o quanto pudermos.

Obrigada a todas as mulheres e meninas que lutaram para que hoje eu pudesse jogar futebol onde, quando e com quem eu quiser. Que lutaram para que eu tivesse o direito de entrar em um estádio de futebol e assistir ao meu time do coração. Agradeço a todas que mesmo sendo ridicularizadas com machismo e estereótipos, colocadas em xeque, indagadas sobre suas capacidades, não desistiram e até hoje não desistem de continuar nesse universo categorizado como masculino. Muito obrigada a todas as mulheres que aceitaram compartilhar suas histórias e experiências pessoais e profissionais, construindo um resultado incrível neste projeto. Vocês foram mais do que essenciais nesta pesquisa. Continuem e não parem.

Obrigada a todas as mulheres que toparam fazer parte deste projeto e contar os seus relatos. Ainda que seja importante, contar relatos de preconceito e machismo é sempre muito difícil e elas se mantiveram dispostas e motivadas a participar. Meu sincero obrigada!

Por último e não menos importante: gostaria de agradecer a mim. Agradeço por ter feito todo esse projeto enquanto cursava mais sete matérias e me recuperava de uma cirurgia de três lesões graves no joelho – decorrentes do esporte. Agradecer por ter força de vontade de ir a faculdade de muletas para as aulas. Agradecer por ter sido eu mesma, respeitar minhas limitações e ter vencido.

Não pense que é capaz. Acredite que é.

- Matrix, 1999

*Eu sei, a partir da minha experiência de vida,
que o esporte é uma ferramenta fantástica para
o empoderamento.*

- Marta (jogadora de futebol)

RESUMO

Este memorial apresenta como foi a produção do podcast “Futebol é coisa de Mulher”, projeto que narra as histórias de mulheres que jogaram e ainda jogam futebol, e conta como elas enfrentaram o machismo, o preconceito e os estereótipos de gênero decorrentes do esporte. Com o auxílio de profissionais do jornalismo e da educação física, o trabalho busca mostrar os efeitos e os contextos dessas mulheres no futebol feminino brasileiro.

Palavras-chave: Podcast; Jornalismo Esportivo; Futebol feminino; Machismo e futebol; Gênero e esporte.

ABSTRACT

This memorial presents the production of "Soccer is a Woman thing", a project that narrates the stories of women who played and still play soccer, and tells how they faced chauvinism, prejudice, and gender stereotypes arising from the sport. With the help of journalism and physical education professionals, the work seeks to show the effects and contexts of these women with Brazilian woman's soccer.

Keywords: Podcast; Sports Journalism; Women's soccer; Male chauvinism and football; Gender and sport.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	14
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO.....	15
1.2. OBJETIVO GERAL.....	16
1.3. OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	16
2. JUSTIFICATIVA.....	16
3. DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLOGIA.....	17
3.1. MACHISMO E FUTEBOL FEMININO.....	17
3.2. ESTEREÓTIPO DE GÊNERO.....	19
3.3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	22
3.4. O PAPEL SOCIAL DO PODCAST.....	22
4. PESQUISA.....	22
4.2. ANÁLISE DE DADOS.....	23
4.3. ENTREVISTAS.....	23
4.4. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.....	23
4.5. PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO ROTEIRO.....	24
4.6. CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DO PROJETO DE PESQUISA.....	24
4.7. CONFERIR OS RESULTADOS ESPERADOS COM A PRODUÇÃO.....	24
4.8. DIFICULDADES.....	24
4.9. ROTEIRO.....	25
4.10. EQUIPAMENTOS.....	25
4.11. EDIÇÃO.....	25
4.12. ENTREVISTADAS.....	25
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	27
7. APÊNDICE: ROTEIRO DO PODCAST.....	30

1. INTRODUÇÃO

As mulheres sempre precisaram conquistar um espaço nos cenários dominados por homens e sempre provar que suas capacidades são o suficiente para estar nesse espaço. E no futebol não é diferente. Há 40 anos, o futebol era proibido para mulheres no Brasil. Foi uma longa caminhada para que elas pudessem assistir aos jogos, jogar e, mais recentemente, arbitrar. E um dos maiores exemplos dessa força feminina no esporte é, sem dúvidas, a Marta. Eleita melhor do mundo seis vezes, ultrapassou Pelé e se tornou a maior artilheira da Seleção Brasileira. Recentemente, ultrapassou o jogador Miroslav Klose, e se tornou a maior artilheira em copas do mundo. Ainda assim, ainda se ouve que Marta é “o Pelé do futebol feminino”. Ela não é o Pelé do futebol feminino. Ela é a Marta. Jogadora. E fim.

Além dessas comparações e de que parece impossível um reconhecimento de habilidades reais no esporte, ainda há o machismo e os estereótipos de gênero. Por exemplo: é dito que há uma preocupação com o bem-estar das mulheres que jogam devido a sua estrutura física, por serem mais frágeis que os homens. E quanto aos estereótipos, percebe-se na infância que os meninos escolhem meninas não tão femininas e vaidosas para os seus times durante as aulas nas escolas, e sim, aquelas que mais se parecem com eles, com características masculinas e que neguem feminilidade.

O grande problema não diz respeito ao futebol em si, mas à subversão de papéis promovida pelas mulheres que jogam, uma vez que elas estariam abandonando seus papéis sociais e invadindo o espaço dos homens. E por elas estarem nesses espaços, significa dizer que estão se tornando um homem? Futebol é coisa somente para macho? Uma mulher precisa ter determinada orientação sexual para jogar futebol? Precisa se parecer mais máscula para o esporte?

Diante disso, este projeto de pesquisa pretende elaborar um podcast contando a história de mulheres que jogam e trabalham com o futebol, e as dificuldades que elas enfrentaram na perspectiva de estereótipos de gênero. O trabalho está estruturado em: um podcast com três episódios de até 20 minutos. Cada episódio possui duas entrevistadas e no último há um relato pessoal sobre experiência e vida no esporte.

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

Quando o esporte começou a aparecer, no século XIX com Charles Miller, iniciando uma organização com regras, o tratamento para homens e mulheres não foi o mesmo. Na verdade, não houve um tratamento para as mulheres e sim, uma exclusão imediata. Ou seja, ainda que o tempo tenha transcorrido, não é normal que as mulheres ainda não queiram experimentar. Essa exclusão causou marcas indeléveis nos pensamentos e fazimentos sociais brasileiro.

O fato é que o futebol feminino brasileiro, passou o mesmo tempo proibido e regulamentado. A lei nacional não permitia a prática do esporte por mulheres devido às “condições da sua natureza”, desde 1941. Já o regulamento que permanece válido, só foi feito em 1983. Oitenta dois anos depois de ter sido colocado na clandestinidade, o futebol feminino ainda vem conquistando a passos vagarosos vitórias sociais.

Hoje há uma plena luta. A modalidade feminina ainda é vista como inferior e de baixa qualidade. Mulheres atletas sofrem preconceitos e o abismo financeiro em relação aos homens não foi resolvido. Muito embora o futebol feminino na França tenha atraído mais patrocínio (devido ao país ter sediado a Copa do Mundo Feminina em 2019), a realidade para as jogadoras brasileiras é distante. Segundo dados da ESPN, de 2017, o salário do jogador Neymar se equivale aos de 1.693 atletas juntas das sete principais ligas de futebol feminino no mundo. Enquanto Marta¹, seis vezes a melhor do mundo, recebe o equivalente a 1% do salário de Neymar. Claro, são dados de jogadores reconhecidos. Já as jogadoras de times de base em várias regiões do país, muitas vezes não podem contar com uma equipe médica de qualidade dentro de seus clubes.

Uma medida da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) para trazer mais visibilidade e mais chances a essas jogadoras foi de que, a partir de 2019, os clubes que disputassem suas competições sejam obrigados a formarem um time profissional feminino. Isso fez com que a

¹ Machismo no esporte e a luta feminina por respeito. Isabela, 2021. Disponível em: <https://www.ecycle.com.br/machismo-no-esporte/>

modalidade para as mulheres crescesse e aumentou suas chances de patrocínio e de retornos mais rentáveis.

Muito embora os avanços aconteçam, o machismo e os estereótipos de gênero continuam agindo intensamente no dia a dia das mulheres, especialmente no futebol. Torcidas femininas organizadas são hostilizadas, jogadoras sexualizadas e alvos de machismo na internet durante competições, jornalistas esportivas assediadas durante suas coberturas e meninas excluídas das escolinhas de futebol.

1.2 OBJETIVO GERAL

Contar a história de mulheres que jogam futebol no Distrito Federal e no Goiás, e os desafios sobre as questões de gênero que enfrentaram durante esse caminho, junto com os relatos de profissionais que lidam com futebol. Explorar as experiências dos relatos para entender melhor os estigmas da sociedade brasileira quanto ao futebol feminino.

1.3. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Em forma de podcast, com no máximo 20 minutos de duração cada episódio, narrar as histórias de cada uma com o futebol e os estereótipos impostos a elas.
- Apresentar as dificuldades das mulheres no futebol.
- Apresentar as dificuldades das jornalistas que escolhem cobrir futebol.
- Trazer a perspectiva de profissional da educação física sobre o seu papel no combate ao preconceito e machismo.

2. JUSTIFICATIVA

O sexismo e imposição de funções sociais presente no futebol está enraizado no imaginário popular brasileiro que vem desde a educação familiar.

Segundo Souza Jr. (1991), a prática do futebol feminino é tolerada minimamente pelos pais e amigos, desde que a menina ou a garota não tenha entrado na adolescência. Ou seja, antes de se engajar e envolver com sua escolha sexual a fim de que esta não seja afetada.

Para Damo (2006), a presença do sexo feminino nos jogos de futebol tornou-se uma ameaça ao sexo masculino, considerando que a participação feminina em massa possa quebrar os estereótipos que foram historicamente construídos em torno dos gêneros sexuais, possibilitando a desconstrução da ligação do futebol como “coisa para homem”. Assim, os homens teriam de buscar um outro espaço de dominância.

É importante este produto de comunicação devido ao fato de não existir um estudo objetivo sobre porque são criados os estereótipos e como eles aliados ao machismo no futebol. Isso torna o produto de alta relevância para a comunicação, comunidade feminina e todo o público envolvido no esporte. Por fim, enquanto mulher, graduanda do curso de jornalismo e em especial, como também jogadora, tenho a convicção da extrema importância dessa abordagem, principalmente por ter voz ativa das fontes utilizadas, tanto para ser alvo de discussão da comunicação em geral e do papel do jornalismo em mostrar esses recortes de realidade, como também para servir de instrumento de reflexão para a sociedade brasileira.

2. DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

Nesta parte do trabalho, é possível encontrar os conceitos norteadores do projeto e que foram colocados como tema das entrevistas feitas durante o podcast. Ademais, há toda a metodologia para o desenvolvimento do projeto - contendo nela desde os procedimentos utilizados até a edição final do podcast. Foram apresentadas também as teorias que deram suporte para a confecção do podcast e a metodologia para o desenvolvimento desta pesquisa.

3.1. MACHISMO E FUTEBOL FEMININO

Para entender o machismo no futebol, faz-se necessário compreender o que é machismo, porque apesar de existirem muitas definições, não é algo simples de ser definido

ou discutido. Segundo ARCINIEGA et. al., (2008), o machismo é o comportamento, de opiniões e de atitudes, de um indivíduo que rejeita a igualdade de direitos e deveres entre os homens e as mulheres, favorecendo o sexo masculino em detrimento do feminino. Ou seja, o machismo é o ideal que defende a superioridade dos homens em relação às mulheres.

No futebol feminino, embora tenha se conquistado muito ao longo dos anos, essa realidade ainda não mudou. No esporte, casos de machismo não são novidade para ninguém: eles se repetem sempre. A generalização da crença de que "futebol não é coisa de mulher" é uma herança histórica. Por exemplo, na Grécia antiga, as mulheres eram impedidas até mesmo de assistir aos Jogos Olímpicos, sob pena de morte. A justificativa não é muito diferente dos argumentos que muitos homens utilizam para excluir essas mulheres dos campos: corpos femininos são frágeis, então devem se dedicar a atividades que não causem danos a sua estrutura e, principalmente, aos seus órgãos reprodutivos.

Porém, cada vez mais pautas feministas, crescentes nas mídias sociais, dão um lugar de destaque ao assunto. E com esse advento da internet, o preconceito também ficou menos velado. Hoje, a realidade do machismo com as jogadoras está mais escancarada. E não existe um limite para isso. Não são só em relação as jogadoras da seleção brasileira. É desde a menina que posta uma foto de uniforme e é objetificada, até as narradoras que vem enfrentando tuítes machistas e que as descredibilizam como profissionais. Um grande exemplo de como o machismo no esporte começa na infância e perpetua na adolescência de meninas é o da Giovanna Waksman², jogadora do sub-13 do Botafogo. A garota enfrenta agressões verbais nos jogos, dos próprios pais dos meninos (Giovanna é a única menina entre os meninos do time em que joga e nos campeonatos). Sofreu uma lesão grave na clavícula devido a esse tipo de comportamento de exclusão que a tirou por um tempo dos campos. Talvez se esses meninos fossem educados desde a infância em um ensino e uma sociedade menos machista, com uma educação mais positiva e que valorizasse mais as mulheres, Giovanna certamente não sairia lesionada dos campos por ser uma menina com grandes habilidades no meio de vários meninos.

² Única jogadora do sub-13 do Botafogo, Giovanna relata faltas duras e ofensas: "Mandam me matar". GE Globo, 2022. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/times/botafogo/noticia/2022/06/23/unica-jogadora-no-sub-13-do-botafogo-giovanna-relata-faltas-duras-e-ofensas-mandam-me-matar.ghtml>

Por isso, há um equívoco ao se acreditar que no Brasil não há machismo dentro do futebol apenas porque os jogos da Copa do Mundo Feminina ou do Campeonato Brasileiro Feminino estão sendo veiculados na TV aberta. É um novo cenário, onde o machismo se reinventou, incorporando outros tipos de desigualdade de gênero. Entre elas: a desvalorização financeira, a escassez de incentivos e patrocínios, a sexualização dos corpos das atletas, e, até mesmo, o julgamento e imposição da sua orientação sexual pela sua escolha esportiva.

3.2. ESTEREÓTIPO DE GÊNERO NO FUTEBOL FEMININO

Na leitura do livro “O segundo sexo” é possível perceber como Simone de Beauvior demonstra o padrão em que os gêneros são colocados: o homem como sujeito e a mulher como um objeto. Por isso, as diferenças entre os gêneros, suas necessidades ficam estampadas desde a infância até a velhice, com os limites que são impostos as mulheres e as faltas de oportunidades que contribuem e constroem dentro da sociedade os estereótipos de gênero.

Os estereótipos da masculinidade e da feminilidade não são uma discussão recente. Desde os primórdios da sociedade entendemos a masculinidade como significado de força e proteção. Enquanto associamos a feminilidade a doçura, fragilidade e maternidade (HIRIGOYEN, 2006).

Os estereótipos perseguem a todos os indivíduos desde o nascimento. Por exemplo: hoje se tem o chá revelação, para revelar (em uma situação festiva) o sexo do bebê. O azul é cor de menino e rosa é cor de menina. Além disso, os brinquedos também fazem parte desse fenômeno: carrinho é para o menino e boneca para a menina. E muitas outras situações e fatos sociais partem da diferenciação entre masculino e feminino. No entanto, a problemática disso consiste na padronização de comportamentos ou escolhas pré-estabelecidas sem respeitar a especificidade e a individualidade de cada ser humano.

E os exemplos disso são infinitos: “lugar de mulher é na cozinha”, “isso é trabalho de homem”, entre outros. Há pouco tempo e ainda hoje, o maior pesadelo dos pais e mães de meninas era de suas filhas: “eu quero jogar futebol”. Era como se essa simples vontade

significasse “eu quero ir para a Lua de carro”. A ideia de ver sua menina frágil, que deveria dançar balé, jogando bola era algo inconcebível – como quem vai embora do planeta. Sendo essa uma sensação real, porque meninas que gostam de futebol, seja para jogar ou para assistir, são vistas como intrusas, como alguém que não pertence àquele lugar.

Dessa forma, a exclusão das meninas acontece desde sempre e os estereótipos começam a ser parte do seu cotidiano. Meninas e mulheres que escolhem jogar futebol precisam praticamente engolir a objetificação por estarem em um ambiente majoritariamente masculino. Muitas falas são comuns na infância, na adolescência e na vida adulta dessas jogadoras ou até mesmo de profissionais que se envolvem, em alguma instância com o futebol, como por exemplo:

- “Você só gosta de falar de futebol para chamar atenção dos homens, né?”;
- “Essa aqui joga/entende mais futebol que muito homem!”;
- “Gosta de futebol, não é muito feminina... você é meio macho, né?”;
- “Faz umas embaixadinhas aí para eu ver”;
- “Sapatão”;
- “Vai lavar prato”;
- “Deve ser lésbica”;
- “Maria macho”;
- “Macho fêmea”;
- “Jogo de menina não presta”.

Em algumas dessas frases é possível observar que os homens tentam justificar o interesse pelo futebol como forma de aproximação das mulheres para com eles. Como se elas precisassem do futebol para chegar até o homem e cumprir seu papel social: encontrar um homem, casar e ter filhos. É possível observar essa objetificação também na Copa do Mundo Feminina de 2019, quando a Panini colocou à venda o álbum de figurinhas que contemplava 17 jogadoras de cada uma das 24 seleções participantes.

Ex. 1:



(2019, LANCE!)³

Ex. 2:



(2019, Observatório da Discriminação Racial no Futebol)⁴

³ Álbum da Copa Feminina recebe ataques machistas. LANCE!, 2019. Disponível em: <https://www.lance.com.br/fora-de-campo/album-copa-feminina-recebe-ataques-machistas-homofobicos.html>

⁴ Deveriam estar peladas”: as reações machistas ao álbum de figurinhas da Copa do Mundo Feminina. Observatório da discriminação racial no futebol, 2019. Disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/deveriam-estar-peladas-as-reacoes->

É muito nítido como os estereótipos e a objetificação dos corpos das mulheres tentam diminuir a importância da crescente no esporte - que tem se tornado cada vez mais competitivo na modalidade feminina.

3.3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para documentar as experiências com os estereótipos e o machismo dentro do futebol feminino foi utilizado o procedimento de análise de conteúdo e a história oral. O principal método de pesquisa utilizado durante a realização da pesquisa foi a entrevista, tendo em vista que o centro do trabalho foi recolher relatos e depoimentos de mulheres nas condições estudadas. Entre as características desse tipo de método, destacam-se: imersão no contexto da pesquisa, resultados obtidos e relevância dos fatos estudados. Muito utilizado em projetos de pesquisa, o método se ajusta ao formato de um podcast.

Também foi utilizado o método de entrevista não dirigida ou não padronizada. Esse tipo de entrevista consiste em a entrevistada possuir total capacidade de exploração, possibilitando uma abordagem mais confortável em relação às suas experiências e o que gostaria de compartilhar sobre o tema (Thiollent, 1987). Por fim, foi feita uma entrevista estruturada: série de perguntas específicas e direcionadas sobre a temática que conduzem ao produto final (Rubbin, 1995).

3.4. O PAPEL SOCIAL DO PODCAST

Este gênero discursivo oral se apresenta como um dos formatos mais interessantes para tratar do tema de pesquisa. Instiga a imaginação do ouvinte, que pode imaginar as personagens, sua história e suas lutas. Mexe com o imaginário e remete, por exemplo, aos jogos de futebol que há muito eram escutados pelo rádio e, ainda hoje, os mais tradicionalistas prezam a prática mesmo em estádios. Em semelhança com o jornalismo, o podcast enlaça a

sociedade e suas particularidades sociais, permitindo que os ouvintes percebam o seu papel nos meios de comunicação, possibilitando a produção e difusão de novos conteúdos sonoros (VICENTE, 2018).

4. PESQUISA

A primeira etapa foi dedicada à reunião de pesquisas, textos e documentários que foram utilizados como inspiração e referência para a construção do podcast. Foi destacado no referencial teórico a inspiração de itens que tratam sobre machismo e futebol feminino:

➤ Nos Armários dos Vestiários (2022)

Duração: 11 episódios

Direção: Bruno Maia

Roteiro: João Pedro Castro e Carlos Guilherme Vogel.

➤ Vargas proibiu o futebol feminino – História pros Brother (2021)

Duração: 35 min

Alexandre Nickel e Professor Vítor Soares

4.1.2. ANÁLISE DE DADOS

Etapa na qual foram reunidos dados e informações sobre casos de machismo no futebol feminino e no jornalismo esportivo no Brasil.

4.1.3. ENTREVISTAS

Foram reunidas diferentes fontes para realizar as entrevistas. Com foco em achar mulheres de idades diferentes e poder escutar várias gerações e seus recortes de realidade. Também foi buscado entrevistar profissionais que se relacionem com o futebol feminino: jornalistas, psicóloga e educadora física.

4.1.4. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Etapa dedicada à análise das entrevistas. Foi necessário ouvir todo o material coletado, separar as sonoras que se destacaram e começar o protótipo do roteiro.

4.1.5. PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO ROTEIRO

Período de início do roteiro. A etapa foi finalizada com os últimos ajustes do texto e seleção de sonoras para início do processo de edição.

4.1.6. CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DO PROJETO DE PESQUISA

Preparação do memorial do podcast com detalhes do processo de produção, dados obtidos ao longo da pesquisa e apresentação dos resultados.

4.1.7. CONFERIR OS RESULTADOS ESPERADOS COM A PRODUÇÃO

Através do podcast, certificar que é possível que haja conscientização sobre: o futebol não ter gênero, estereótipos não devem ser propagados, dificuldades enfrentadas pelas mulheres atualmente no futebol e o impacto do futebol na vida das mulheres que compartilharam seus relatos.

4.2. DIFICULDADES

Conseguir fontes foi uma das dificuldades encontradas, muitas meninas responderam ao questionário inicial e pouquíssimas aceitaram participar de fato. Ao todo 32 mulheres responderam. Dessas 32, 10 consegui fazer contato e apenas três aceitaram gravar. Outra dificuldade foi falar com uma psicóloga esportiva. Seria muito rico para o projeto ter uma análise do ponto de vista da psicologia, mas infelizmente, é um ramo muito específico e os profissionais não respondiam ao contato. Um detalhe que considero como dificuldade foi conciliar minha agenda com as entrevistas e edição do trabalho, o que tornou complicado sua

execução. O que ajudou a lidar foi o apoio da orientadora, com a certeza de que seria um projeto com um resultado muito importante e uma memória que jamais ficaria esquecida. Apesar de estar no último semestre, cursei o Trabalho de Conclusão de Curso juntamente com outras setes disciplinas. O que tornou o processo cansativo, mas muito interessante.

4.3. ROTEIRO

O roteiro foi uma parte importante e difícil de desenvolver. As entrevistadas compartilharam muitas informações e foi difícil selecionar os argumentos mais essenciais e plausíveis para o projeto. Mas o roteiro se construiu bem a partir das narrativas, os relatos ficaram em bastante evidência. E foi muito especial dar voz a essas mulheres. O roteiro foi o elemento que sofreu alteração desde o primeiro ao último dia de projeto.

4.4. EQUIPAMENTOS

Como o podcast foi produzido de forma totalmente remota, a quantidade de equipamentos foi menor do que a que seria utilizada em um gravado em estúdio. Um computador, acesso ao WhatsApp (para gravar os áudios) e uma conta no Instagram (para encontrar as fontes).

4.5. EDIÇÃO

A edição foi trabalhosa e longa, tanto por conta da duração das entrevistas como pela atenção exigida. Desde o princípio, a professora orientadora aconselhou por uma edição simples e feita com calma, por isso o mais trabalhoso foi realizar cortes nas entrevistas, como nas falas longas, com uma demanda de informação maior do que a esperada. O editor utilizado foi o Wondershare Filmora 12, um editor simples e de fácil aprendizado, por possuir todas as ferramentas necessárias para a construção deste tipo de projeto.

4.6. ENTREVISTADAS

É um ponto de destaque na pesquisa. Este projeto foi um excelente exemplo de como a pandemia alterou nossas formas de produção e facilitou as formas de produção jornalística.

Todas as entrevistadas foram contatadas através do WhatsApp. As jogadoras foram encontradas através de resposta pelo Google Forms. Já as jornalistas e a educadora física foram indicações de amigos, colegas e da própria orientadora. Os entrevistados mantidos no corte final do trabalho foram:

- Brunah Yolanda: Mora em Brasília, Distrito Federal. Brunah tem 22 anos e é estudante de Administração. Compartilhou suas dificuldades em relação ao esporte já no ensino fundamental, e como os próprios professores reforçam os estereótipos de gênero do futebol. Mas o futebol, mesmo com esse contexto, era o seu refúgio e diversão.
- Sara Silvino: Mora em Brasília, Distrito Federal. Sara tem 27 anos e é assistente de gestão de projetos. Contou sobre o seu sonho de se tornar jogadora, que foi frustrado por ter de arcar com compromissos familiares. Dividiu também que nunca se importou com o preconceito e sempre deu o seu melhor em campo. Não se tornou profissional, mas ainda joga o futebol como diversão. Devido a uma lesão grave no tendão de Aquiles.
- Luciana Tomasson: Mora em Formosa, Goiás. Luciana tem 32 anos e trabalha com educação física. Soube muito cedo que gostaria de usar o esporte como uma ferramenta de educação. Atualmente, ela é professora de educação física e auxilia em um projeto de bolsa escolar para meninos e meninas que querem jogar.
- Márcia Marques: Mora em Brasília, Distrito Federal. Márcia tem 65 anos e é professora de jornalismo na Universidade de Brasília. Muito querida pelos alunos, ela coleciona histórias na profissão e divide um pouco da sua trajetória enquanto esteve na cobertura esportiva.
- Luiza Boaretto: Mora em São Paulo (Capital). Tem 28 anos e sempre gostou de esportes. Desde que entrou na faculdade de jornalismo, seu sonho era seguir na cobertura esportiva. Hoje, ela é jornalista na ESPN (Entertainment and Sports Programming Network).
- Beatriz Cavalcanti: Mora em Brasília, Distrito Federal. Beatriz, carinhosamente apelidada por Bia, tem 24 anos, e é professora de educação física e técnica de futebol. Busca, na sua profissão, mostrar aos seus alunos que o preconceito não cabe nas quatro linhas do futebol. Cresceu com sua mãe sendo também professora e assim o esporte sempre esteve presente em sua vida.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As informações apresentadas no podcast permitem identificar as dificuldades ainda sofridas por mulheres que escolhem jogar futebol no Brasil, seja como fim o lazer ou o trabalho. Apesar dos avanços históricos em termos de participação, de patrocínio, projetos, restam ainda os preconceitos culturais e de gênero, principalmente em países latino-americanos como o Brasil, sobre a inserção de mulheres no futebol.

Lentamente a mídia tem divulgado notícias sobre o futebol feminino, porém como a cobertura ainda é pequena, as notícias se restringem às jogadoras ícones (vide: Marta) ou às conquistas da seleção brasileira feminina de futebol. É preciso não só encontrar estratégias para desenvolver o futebol feminino no país, o que pressupõe uma gestão esportiva estruturada, já que o Brasil possui resultados internacionais expressivos na seleção feminina, mas também um entendimento sobre os fenômenos sociais como o machismo e os impactos dos estereótipos de gênero, e como eles afetam no rendimento e na desistência de futuros talentos femininos no esporte.

Trazer essa discussão sobre as experiências de diferentes mulheres e como elas lidaram com esses obstáculos durante sua trajetória no esporte, e aproximar aquelas que não tem coragem de jogar por medo de serem subjugadas ou serem expostas a um ambiente majoritariamente masculino hostil e ainda mais força aquelas que estão enfrentando esses preconceitos no seu dia a dia em busca de uma oportunidade de crescer no esporte no Brasil ou de apenas se divertir dentro das quatro linhas. Mostrar que nenhuma delas está só.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Mulheres no futebol. Gente Globo, 2019. Disponível em: <<https://gente.globo.com/mulheres-no-futebol/>>

Linha do tempo do futebol feminino. Gente Globo, 2019. Disponível em: <<https://gente.globo.com/linha-do-tempo-do-futebol-feminino/>>

MILREU, Natália. De proibição no passado a ascensão nos últimos anos: A história do futebol feminino no Brasil, 2022. Disponível em: <<https://br.bolavip.com/futebol/historia-selecao-brasileira-brasil-mulheres-futebol-feminino-20220308-0068.html>>

CHARÃO, Cristina. Futebol das mulheres, com mulheres, para mulheres, 2019. Disponível em: <<https://estudio.r7.com/futebol-das-mulheres-com-mulheres-para-mulheres-07112019>>

VIMIEIRO, Ana Carolina et al. É mais que preconceito! Dimensões da opressão de gênero no esporte a partir da análise do Podcast das Marias. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Dezembro de 2020.

RIBEIRO, Ana et al. A Representação do Futebol Feminino no Jornalismo Esportivo. XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, junho de 2019.

MARTINS, Paula. A inserção da mulher no universo do futebol e do audiovisual sob o olhar das teorias feministas: o exemplo do festival Cinefoot. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, dezembro de 2020.

PACHECO, Leonardo et al. Mulheres e jornalismo esportivo: possibilidades e limitações em um campo masculino. Rev. Estud. Fem. vol.28 no.3 Florianópolis setembro/dezembro de 2020.

Raiz do Futebol. Goal Brasil, 2019. Disponível em: <[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=RTN9WJBOOOG&T=162S](https://www.youtube.com/watch?v=RTN9WJBOOOG&T=162S)>

GOELLNER, Silvana. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades CDD. 20.ed. 306.483 796.3328. Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. abr./jun. 2005.

Rodrigues, Duanie. Aos 16 anos, acreana é a única mulher em curso de formação de árbitros de futebol de campo, 2022. Disponível em:

<https://ge.globo.com/ac/futebol/noticia/2022/09/04/aos-16-anos-acreana-e-unica-mulher-em-curso-de-formacao-de-arbitros-de-futebol-de-campo.ghtml>>

Heineken questiona estereótipos de gênero em campanha para Champions League. MKT Esportivo, 2022. Disponível em: <https://www.mktesportivo.com/2022/05/heineken-questiona-estereotipos-de-genero-em-campanha-para-champions-league/>>

Futebol é coisa de mulher? As dificuldades das meninas que jogam na várzea. Carta capital, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=edjpej7aWMk>>

Natália, a única menina a treinar em um time profissional de base. UOL Esporte, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bUA4euIIWg0>>

Jogadora do Botafogo sub-13 denuncia ameaças em campo: "Mandam me matar". Yahoo!Esportes, 2022. Disponível em: <https://esportes.yahoo.com/jogadora-do-botafogo-sub-13-denuncia-ameacas-em-campo-mandam-me-matar-193140803.html>>

#BotaElasNoJogo: campanha das jogadoras brasileiras busca aumentar a representatividade nos games. Terra, 2022. Disponível em: <https://www.terra.com.br/nos/botaelasnojogo/campanha-das-jogadoras-brasileiras-busca-aumentar-a-representatividade-nos-games,ac37363209c9d3ec2a47e5ba9d04369eyk6l7mjo.html>>

Pela Liga Espanhola Feminina, jogadoras precisam de tratamento médico do rival em campo. TNT Sports, 2021. Disponível em: <https://tntsports.com.br/melhorfuteboldomundo/Pela-Liga-Espanhola-Feminina-jogadoras-precisam-de-tratamento-medico-do-rival-em-campo-20211218-0009.html>>

As mentiras que as meninas ouvem quando querem jogar futebol. Dibradoras, 2018. Disponível em: <https://dibradoras.com.br/2018/11/07/as-mentiras-que-as-meninas-ouvem-quando-querem-jogar-futebol/>>

Inacreditável: há 40 anos, mulheres ainda eram proibidas de jogar futebol no Brasil. O diário, 2019. Disponível em: <https://oidiario.com.br/futebol-feminino-copa-do-mundo/>>

Você sabia que o futebol era proibido para mulheres no Brasil até 1979? Claudia, 2020.

Disponível em: <<https://claudia.abril.com.br/sua-vida/voce-sabia-que-o-futebol-era-proibido-para-mulheres-no-brasil-ate-1979/>>

BEAUVOIR, S. O segundo Sexo: Fatos e Mitos. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1980.

7. APÊNDICE: ROTEIRO DO PODCAST

VINHETA JOGO DE FUTEBOL TEMPO: 0:41s – 1m10s	https://www.youtube.com/watch?v=6EeSyPHO5ZE
VINHETA TEMPO: 0:00S – 0:15S	https://www.youtube.com/watch?v=GQMCj3Q7cvM

<p>SONORA: JULIA BORGES ABERTURA EP. 1</p>	<p>OLÁ! SEJA MUITO BEM-VINDO, SEJA MUITO BEM-VINDA. EU SOU JULIA BORGES E ESTE É O PODCAST FUTEBOL É COISA DE MULHER. DAMOS INÍCIO A UMA SÉRIE DE TRÊS EPISÓDIOS SOBRE OS ESTEREÓTIPOS E O MACHISMO NO FUTEBOL FEMININO. NOSSAS ENTREVISTADAS SÃO MULHERES DE DIFERENTES IDADES QUE RELATAM SUAS EXPERIÊNCIAS COM O PRECONCEITO DE GÊNERO DENTRO DO ESPORTE. CONTAMOS TAMBÉM COM DUAS JORNALISTAS E UMA EDUCADORA FÍSICA, QUE AJUDARÃO COM SEUS RELATOS A COMPREENDER COMO O MACHISMO AFETA AQUELAS QUE TAMBÉM NÃO SÃO JOGADORAS, MAS TRABALHAM COM FUTEBOL. PARA INICIARMOS NOSSA</p>
---	--

	<p>CONVERSA É IMPORTANTE ENTENDERMOS DOIS CONCEITOS. O PRIMEIRO É O MACHISMO, QUE É A REJEIÇÃO POR IGUALDADE DE CONDIÇÕES SOCIAIS E DIREITOS ENTRE HOMENS E MULHERES. E O ESTEREÓTIPO DE GÊNERO, QUE É UMA OPINIÃO OU UM PRECONCEITO GENERALIZADO SOBRE ATRIBUTOS OU CARACTERÍSTICAS QUE HOMENS E MULHERES POSSUEM OU DEVERIAM POSSUIR EM SUA FUNÇÃO SOCIAL.</p>
--	--

<p>SONORA: JULIA BORGES</p>	<p>A PRIMEIRA CONVIDADA É A BRUNAH YOLANDA. ELA TEM 22 ANOS E COMEÇOU A JOGAR FUTEBOL NA ESCOLA. SEJA MUITO BEM-VINDA, É UM PRAZER TE RECEBER AQUI!</p>
<p>SONORA: JULIA BORGES</p>	<p>BRUNAH, EU QUERO COMEÇAR PERGUNTANDO COMO INICIOU A SUA HISTÓRIA COM O FUTEBOL?</p>
<p>SONORA: BRUNAH YOLANDA (JOGADORA)</p>	<p>BEM, EU JOGO FUTEBOL DESDE OS MEUS SETE ANOS DE IDADE. E EU SEMPRE USEI O FUTEBOL COMO UMA FORMA DE REFÚGIO, UMA FORMA DE PODER DESCONTRAIR E TAMBÉM DEIXAR DE LADO OS PROBLEMAS PESSOAIS QUE EU ESTAVA PASSANDO. TANTO FAMILIARES QUANTO POR EM RELAÇÃO AOS MEUS AMIGOS OU ESCOLARES. E ASSIM FOI ATÉ OS DIAS ATUAIS, NÉ. EU VEJO COMO UMA FORMA DE TERAPIA, PODEMOS DIZER ASSIM.</p>
<p>SONORA: JULIA BORGES</p>	<p>E COMO VOCÊ ACREDITA QUE O FUTEBOL FEMININO É VISTO HOJE NO BRASIL?</p>

SONORA: BRUNAH

YOLANDA (JOGADORA)

O FUTEBOL NO BRASIL É MUITO DIFERENTE POR EXEMPLO DO QUE O FUTEBOL NOS ESTADOS UNIDOS. É... O FUTEBOL NOS ESTADOS UNIDOS É MUITO MAIS JOGADO PELAS MULHERES, PORQUE ELAS JOGAM ISSO NA ESCOLA. ENQUANTO AQUI NO BRASIL, VOCÊ VÊ QUE É AO CONTRÁRIO. OS MENINOS JOGAM MAIS QUE AS MENINAS. AS MENINAS ACABAM INDO PRO VÔLEI E OS HOMENS FICAM NO FUTEBOL. ENQUANTO NOS ESTADOS UNIDOS, OS HOMENS ELES JOGAM O FUTEBOL AMERICANO, NÉ? E AS MENINAS USAM MAIS, UTILIZAM MAIS DO FUTEBOL BRASILEIRO. PODEMOS DIZER ASSIM (RISO). E AÍ ACABA QUE MUDA MUITO. VOCÊ VÊ MENINAS BEM MAIS FEMININAS, MENINAS QUE REALMENTE TEM MUITA VONTADE DE JOGAR, ELAS JOGAM NOS INTERVALOS, ELAS JOGAM NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ISSO SEMPRE FOI UMA DAS COISAS QUE EU SEMPRE QUIS QUE ACONTECESSE AQUI NO BRASIL PRINCIPALMENTE NAS ESCOLAS, SABE? QUE AS MENINAS FOSSEM MAIS INCENTIVADAS A GOSTAR E SE INTERESSAR POR ESSE ESPORTE E NÃO APENAS PELO VÔLEI NÉ? QUE É O PADRÃO NORMALMENTE DAS ESCOLAS DO BRASIL.

<p>SONORA: JULIA BORGES</p>	<p>BRUNAH, QUANDO VOCÊ FALA MENINAS MAIS FEMININAS, O QUE ISSO QUER DIZER EM RELAÇÃO AO FUTEBOL? VOCÊ VÊ UMA EXCLUSÃO DE MENINAS QUE SÃO MAIS FEMININAS?</p>
<p>SONORA: BRUNAH YOLANDA (JOGADORA)</p>	<p>UM DOS MAIORES PROBLEMAS QUE EU TIVE DENTRO DO FUTEBOL, QUE INCLUSIVE FOI UM DOS MOTIVOS DE EU TER DESISTIDO DO FUTEBOL EM UMA FASE DA MINHA VIDA, FOI PORQUE EU SOFRI MUITO PRECONCEITO NÉ. DENTRO DESSE ESPORTE. POR SER UMA MULHER MUITO AFEMINADA, AS PESSOAS É MEIO QUE DESCREDIBILIZAVAM DE CERTA FORMA A MINHA VONTADE DE JOGAR FUTEBOL OU ENTÃO O MEU INTERESSE NO ESPORTE PORQUE ELES NÃO ME VIAM COMO UMA PESSOA APENAS INTERESSADA NO ESPORTE. MAS TAMBÉM... MAS TAMBÉM NÃO NÉ... MAS COMO UMA PESSOA QUE TAVA LÁ PRA CHAMAR A ATENÇÃO DE OUTROS HOMENS OU CHAMAR A ATENÇÃO DAS PESSOAS NO GERAL, E NUNCA COMO UMA PESSOA APAIXONADA PELO ESPORTE. E ISSO ME DOÍA MUITO PORQUE ME FERIA DE UMA FORMA QUE ACABOU ME DESMOTIVANDO, NÉ, DE CONTINUAR O ESPORTE NUMA FASE DA MINHA VIDA. EU ACREDITO QUE TODOS ESSES ESTEREÓTIPOS E PRECONCEITOS FORAM CRIADOS PELO SIMPLES FATO DE SER UM ESPORTE EXTREMAMENTE</p>

	MASCULINO NÉ?
--	---------------

	<p>VISTO PELA SOCIEDADE DE UMA FORMA MUITO MASCULINA. E ACABA QUE ATÉ AS MULHERES QUE PARTICIPAM DO FUTEBOL, ELAS ACABAM COLOCANDO ALGUNS PADRÕES QUE NÃO NECESSARIAMENTE PRECISAM SER SEGUIDOS ENTÃO VOCÊ VÊ AS VEZES “MINAS” MAIS MASCULINAS, VOCÊ VÊ MINAS QUE “É” ÀS VEZES SÃO MAIS BRUTAS, PODEMOS DIZER ASSIM, E AS PESSOAS ACHAM QUE ISSO TEM QUE SER UM PADRÃO. ENTÃO “PRA” VOCÊ JOGAR FUTEBOL VOCÊ TEM QUE SER MAIS MASCULINA OU VOCÊ TEM QUE SER MAIS BRUTA E ACREDITO QUE ISSO TENHA SIDO UM DOS PRINCIPAIS MOTIVOS DAS PESSOAS DESCREDIBILIZAREM NÉ? O MEU INTERESSE PELO ESPORTE.</p>
<p>SONORA: JULIA BORGES</p>	<p>COMO ESSES ESTEREÓTIPOS AFETARAM A SUA RELAÇÃO COM O FUTEBOL? COMO FOI ESSE PROCESSO DE TER QUE DESISTIR DO ESPORTE?</p>

SONORA: BRUNAH

YOLANDA (JOGADORA)

COMO EU FALEI ANTERIORMENTE, EU ACREDITO QUE ESSES PRECONCEITOS, ESSES ESTIGMAS ACABARAM ME AFASTANDO BOA PARTE DA MINHA VIDA, DO ESPORTE, SABE? PORQUE EU NÃO TINHA MAIS INTERESSE, PORQUE AS PESSOAS OU ME PADRONIZAVAM COMO A MENINA INTERESSEIRA, VAGABUNDA, ENTRE OUTRAS COISAS OU ELAS SIMPLEMENTE NÃO ME DAVAM

	<p>ESPAÇO, ELAS NÃO DEIXAVAM EU JOGAR, ELAS NÃO NEM ME CHAMAVAM “PRAS” PELADAS OU ME ESCALAVAM EM TIME. E NUNCA FOI POR SER RUIM. ISSO QUE ME MAIS ME DOÍA, SABE? EU VIA QUE EU JOGAVA MELHOR DO QUE MUITAS QUE ESTAVAM ALI. MAS EU NÃO TINHA ESPAÇO PRA ISSO. E ACABOU QUE EU TAMBÉM NÃO TIVE MAIS INTERESSE DE PROCURAR ESCOLINHAS E NA ÉPOCA TAMBÉM NÃO TINHA MUITAS, EU ACREDITO QUE SÓ TINHA UMA QUE TINHA O FUTEBOL, É FUTSAL FEMININO E FUTEBOL FEMININO TAMBÉM. E ACABOU QUE ME DISTANCIOU. EU ACABEI FUGINDO “PRA” OUTRO ESPORTE NÉ? QUE FOI O VÔLEI NO CASO, SÓ QUE SEMPRE COM ESSA ANGÚSTIA E ESSA SAUDADE E ESSA VONTADE DE JOGAR FUTEBOL E INFELIZMENTE EU NÃO CONSEGUIA SACIAR PORQUE EU PREFERIA MANTER A MINHA SANIDADE MENTAL DO QUE AS PESSOAS CONTINUAREM FALANDO MAL DE MIM... ENFIM, ME DOÍA MUITO.</p>
<p>SONORA: JULIA BORGES</p>	<p>VOCÊ FEZ UMA MENÇÃO MUITO IMPORTANTE ANTERIORMENTE QUE FOI SOBRE O FUTEBOL NAS ESCOLAS. A ESCOLA É UM AGENTE PARA IMPEDIR OU REDUZIR ESSES ESTEREÓTIPOS DE MENINAS NO ESPORTE?</p>

<p>SONORA: BRUNAH YOLANDA (JOGADORA)</p>	<p>EU ACREDITO QUE MUITO DA CONSTRUÇÃO DA MULHER DENTRO DO ESPORTE VEM DO</p>
--	---

	<p>COMO OS RESPONSÁVEIS ESCOLARES VÃO APRESENTAR OS ESPORTES “PRA” ELAS. ENTÃO, ASSIM, ME FOI APRESENTADO POR MUITO TEMPO QUE AS MENINAS DEVERIAM FAZER VÔLEI “PRA” ELAS CONSEGUIREM SER MAIS FEMININAS PORQUE FICAVA MAIS BONITA NA ROUPA, PORQUE ENFIM, ERA TODO UM PADRÃO QUE A ESCOLA QUERIA QUE EU TIVESSE NÉ DE COMPORTAMENTO. E AÍ, ISSO FOI UM DOS PRINCIPAIS MOTIVOS DE EU TAMBÉM ME DISTANCIAR BOA PARTE DA MINHA VIDA DO FUTEBOL. PORQUE JÁ ME OCORREU DE ESTAR MUITO COM OS MENINOS NO FUTEBOL E EU SER CHAMADA NA SALA DA DIRETORA “PRA” PERGUNTAR SE EU ESTAVA ME TORNANDO SAPATÃO OU ENFIM. COISAS QUE NÃO TEM NENHUMA LIGAÇÃO, MAS PRA MUITOS TEM NÉ?</p>
<p>SONORA: JULIA BORGES</p>	<p>E VOCÊ TENTOU ENFRENTAR ESSAS BARREIRAS NO PERÍODO ESCOLAR?</p>

<p>SONORA: BRUNAH YOLANDA (JOGADORA)</p>	<p>UMA DAS COISAS QUE EU TAMBÉM PERCEBIA POR QUE EU VIA QUE EU ME SENTIA MUITO SOZINHA NESSA LUTA, EU TENTAVA, POR EXEMPLO, FORÇAR OS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA A COLOCAR O FUTEBOL FEMININO. EU TENTAVA INSTIGAR AS MENINAS A JOGAR FUTEBOL FEMININO. MAS EU VIA QUE AS MENINAS MASCULINAS NÃO QUERIAM SE JUNTAR A MIM PORQUE ELAS JÁ</p>
--	---

	<p>SE SENTIAM BEM INCLUÍDAS, DE CERTA FORMA, COM OS MENINOS, E AS MENINAS FEMININAS TINHAM MUITO MEDO, ELAS TINHAM VERGONHA DE INICIAR, PORQUE ELAS SABIAM QUE SERIAM ZOADAS, TANTO PELAS MENINAS MAIS MASCULINAS TANTO PELOS MENINOS NA ÉPOCA. ENTÃO ACABAVA QUE ME SENTIA MUITO SOZINHA NESSA LUTA (RISO).</p>
<p>SONORA: JULIA BORGES</p>	<p>E DEPOIS DISSO TUDO: HOJE, VOCÊ E O FUTEBOL FIZERAM AS PAZES?</p>

<p>SONORA: BRUNAH YOLANDA (JOGADORA)</p>	<p>INCLUSIVE, ESSA FOI UMA DAS PRINCIPAIS PAUTAS QUE EU LEVANTEI QUANDO EU SAÍ DA ESCOLA, “PRA” FORMAR UM TIME COM AS MENINAS DA MINHA IGREJA QUE ERAM MENINAS QUE TINHAM ESSA VONTADE QUE EU TINHA, SÓ QUE AO MESMO TEMPO NÃO SE SENTIAM INCLUÍDAS EM NENHUM TIME, ELAS TINHAM MUITA VERGONHA DE COMEÇAR E SEREM ZOMBADAS, OU ENTÃO ELAS TINHAM MUITO MEDO DE IREM “PRA” UM TIME E NÃO SEREM ABRAÇADAS, PORQUE ELAS ERAM MUITO FEMININAS. E ASSIM FOI... E AÍ, A GENTE CRIOU UM TIME, EM QUE AS MENINAS TEM DE TODOS OS PADRÕES DE PERSONALIDADE, ENFIM. MAS QUE SE SINTAM CONFORTÁVEIS JOGANDO ESSE ESPORTE É UMA DAS COISAS QUE EU MAIS GOSTO DE VER, PORQUE DE CERTA FORMA É UM ALÍVIO</p>
--	--

	<p>ASSIM “PRO” MEU PEITO SABE, PORQUE POR MUITO TEMPO EU NÃO TIVE ESSA OPORTUNIDADE E EU SEI QUE PRA ESSAS MENINAS, ELAS TAMBÉM SE SENTIAM DA MESMA FORMA QUE EU.</p>
<p>SONORA: JULIA BORGES</p>	<p>BRUNAH, MUITO OBRIGADA POR COMPARTILHAR SUA HISTÓRIA! FOI UM PRAZER CONVERSAR COM VOCÊ.</p>

<p>VINHETA</p> <p>TEMPO: 0:00S – 0:15S</p>	<p>https://www.youtube.com/watch?v=GQMCj3Q7cvM</p>
<p>SONORA: JULIA BORGES</p>	<p>VAMOS OUVIR AGORA A SARA SILVINO. ELA JÁ QUIS SER JOGADORA PROFISSIONAL, MAS INFELIZMENTE NÃO PODE. ESSE ESPAÇO É SEU. SEJA MUITO BEM-VINDA, SARA! VOCÊ COMEÇOU A JOGAR POR VONTADE PRÓPRIA OU TEVE INCENTIVO?</p>
<p>SONORA: SARA SILVINO (JOGADORA)</p>	<p>COMECEI AOS SEIS ANOS DE IDADE ATRAVÉS DO INCENTIVO DO MEU PAI E A BRINCADEIRA DE CRIANÇA FOI VIRANDO UM SONHO DE UM DIA PODER SER PROFISSIONAL E REPRESENTAR O MEU PAÍS NA SELEÇÃO DE FUTEBOL FEMININO.</p>
<p>SONORA: JULIA BORGES</p>	<p>E SEU PAI CONTINUOU APOIANDO ESSE SONHO?</p>
<p>SONORA: SARA SILVINO (JOGADORA)</p>	<p>BEM NA MINHA CONCEPÇÃO O MEU PAI LÁ ATRÁS AO PERCEBER QUE EU ESTAVA</p>

LEVANDO MUITO A SÉRIO A QUESTÃO DE PARTICIPAR DE DIVERSOS TIMES JUVENIS COMO POR EXEMPLO O SESC AQUI DO DISTRITO FEDERAL LOCALIZADO NA CEILÂNDIA E A PORTUGUESA ESCOLINHA DE FUTEBOL QUE A ÉPOCA FORMAVA CATEGORIA DE BASE DO FLUMINENSE ESSE TIME ERA MASCULINO E EU ERA A ÚNICA MENINA QUE INTEGRAVA ESSA EQUIPE. ELE ACREDITOU QUE NÃO SERIA UMA BOA IDEIA, EU ME AVENTURAR, TROCAR UM FUTURO ACADÊMICO SEGURO POR UM SONHO DE CRIANÇA. HÁ DOZE ANOS EM DOIS MIL E ONZE AQUI EM BRASÍLIA SÓ EXISTIA UM TIME DE CATEGORIA FEMININA NA POLÍCIA CIVIL OU NA PMDF, QUE ERA O ANTIGO CRESPOM, E A IDADE MÍNIMA PARA PARTICIPAR DAS PENEIRAS ERA DEZOITO ANOS. PORTANTO, COMO O CORAÇÃO DE PAI PROTETOR DELE FALOU MAIS ALTO, ELE ME ORIENTOU A ESTUDAR, ME FORMAR EM FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO, NÉ. E FOCAR NA CARREIRA PROFISSIONAL. ENTÃO ASSIM, EU FIZ COM MUITA DOR NO CORAÇÃO, CONFESSO, MAS COMPREENDENDO AS VÁRIAS DIFICULDADES FINANCEIRAS QUE ENFRENTÁVAMOS A ÉPOCA. DECIDI FOCAR NOS MEUS ESTUDOS E ALCANÇAR UM CARGO PÚBLICO PARA AJUDÁ LO NAS DESPESAS DE CASA.

SONORA: JULIA BORGES	VOCÊ AINDA JOGA, SARA?
--	------------------------

SONORA: SARA SILVINO (JOGADORA)	HOJE EM DIA EU SÓ JOGO BRINCANDO. MESMO COMO UMA ATIVIDADE DE LAZER. POIS EU SOFRI UM ROMPIMENTO NO TENDÃO DE AQUILES E FIQUEI COM SEQUELAS. ENTÃO TIVE QUE ME REINVENTAR EM TODOS OS SENTIDOS.
SONORA: JULIA BORGES	SARA, E QUANDO VOCÊ COMEÇOU NO FUTEBOL... COMO OS OUTROS MENINOS TE RECEBERAM? VOCÊ ENFRENTOU ALGUM TIPO DE RESISTÊNCIA OU PRECONCEITO?

<p>SONORA: SARA SILVINO (JOGADORA)</p>	<p>OS PRINCIPAIS ESTEREÓTIPOS E PRECONCEITOS QUE EU ENFRETEI FORAM DIVERSOS, PRINCIPALMENTE NO COLÉGIO. OS MENINOS ME TRATAVAM COMO BROTHER, MAS LEVAVA NA ESPORTIVA. NA CONCEPÇÃO DELES, ELES ACHAVAM QUE EU ERA LÉSBICA. SENDO QUE ISSO SÓ SE SUSTENTAVA PELO FATO DE EU NÃO TER TANTA FEMINILIDADE À ÉPOCA. POIS EU GOSTAVA DE ESTAR CONFORTÁVEL. PORTANTO NA INFÂNCIA E NA ADOLESCÊNCIA EU USAVA MUITO TÊNIS. ALL STAR, ANDAVA MAIS COM O CABELO PRESO, UNIFORME DE TIMES QUE EU TREINAVA. E EU TAMBÉM NÃO USAVA TANTA MAQUIAGEM. ENFIM, POR CONTA DISSO EU RECEBI UM TRATAMENTO PEJORATIVO E TAMBÉM SOFRIA MUITO BULLYING. ACREDITO QUE HOJE EM DIA SITUAÇÕES COMO A QUE EU MENCIONEI ACIMA TENHAM DIMINUÍDO</p>
--	---

	<p>VISTO QUE A POPULARIZAÇÃO DO ESPORTE AUMENTOU E A VISIBILIDADE FEMININA TAMBÉM POIS ESTÁ SENDO ATRELADA E DIVULGADA COMO UMA FORMA DE EMPODERAMENTO PARA NÓS MULHERES.</p>
--	---

SONORA: JULIA BORGES	E COMO OS ESTEREÓTIPOS E MACHISMO TE AFETARAM?
SONORA: SARA SILVINO (JOGADORA)	OS PRECONCEITOS E OS OLHARES DE JULGAMENTO QUE EU RECEBI NA INFÂNCIA, DESDE QUE POSSO ME RECORDAR, FIZERAM COM QUE EU ME TORNASSE UMA PESSOA QUE SE COBRA MUITO E QUE SE PREOCUPA EM SER O MAIS DISCRETA POSSÍVEL. EU NÃO LIDO BEM COM PESSOAS DESRESPEITOSAS E EVITO ESTAR EM AMBIENTES ONDE ME SINTO HOSTILIZADA. SOU BASTANTE OBSERVADORA E AUTOCRÍTICA. SEMPRE ME ATENTO EM COMO TRATAR AS PESSOAS AO MEU REDOR PARA QUE EU CONQUISTE O RESPEITO DAS MESMAS. O FATO DE SER CHAMADA DE MULHER MACHO NA INFÂNCIA FEZ COM QUE EU ME TORNASSE EMOCIONALMENTE INTELIGENTE PARA ME ADAPTAR AOS ESTEREÓTIPOS POPULARMENTE MASCULINOS. POR EXEMPLO, EU ME TORNEI UMA PESSOA EXTREMAMENTE RACIONAL. SOU MUITO OBJETIVA COM UMA ALTA CAPACIDADE ANALÍTICA E FOCADA EM ATINGIR MEUS

	<p>OBJETIVOS INDEPENDENTEMENTE DO QUE AS PESSOAS ME TAXAM. MAS SEI QUE NINGUÉM É IGUAL A MIM E DEPENDENDO DA CRIAÇÃO, PERSONALIDADE, AUTOESTIMA, ESSAS QUESTÕES PODEM SER UM FATOR DETERMINANTE PARA QUE OUTRAS MENINAS DESISTAM DO ESPORTE, POR NÃO SABER LIDAR COM ESSAS SITUAÇÕES.</p>
<p>SONORA: JULIA BORGES</p>	<p>E SARA, VOCÊ DISSE QUE ENFRENTOU PROBLEMAS FINANCEIROS E TEVE UMA LESÃO. VOCÊ ACREDITA QUE SE TIVESSE RECEBIDO UM APOIO NECESSÁRIO, VOCÊ TERIA SEGUIDO CARREIRA?</p>
<p>SONORA: SARA SILVINO (JOGADORA)</p>	<p>SE EU TIVESSE TIDO UM APOIO FINANCEIRO NA ÉPOCA, TENHO CERTEZA QUE TERIA SEGUIDO CARREIRA BRILHANTE. PORQUE TODOS OS TIMES POR ONDE EU PASSEI CONQUISTEI OS PRIMEIROS LUGARES E ME DESTACAVA EM MINHA POSIÇÃO. SE FOSSE NO FUTEBOL, EU ERA MEIO DE CAMPO. NO FUTSAL, EU ERA ALA DIREITA. ENTÃO TAMBÉM GANHEI MUITAS MEDALHAS COMO ARTILHEIRA.</p>
<p>SONORA: JULIA BORGES</p>	<p>SARA, MAIS UMA VEZ MUITO OBRIGADA PELA SUA PARTICIPAÇÃO! E EU ESPERO QUE ESSA NOVA GERAÇÃO TENHA MAIS PODER DE NÃO LIGAR PARA OS JULGAMENTOS E PRECONCEITOS, ASSIM COMO VOCÊ.</p>

<p>SONORA: SARA SILVINO (JOGADORA)</p>	<p>EU QUERO AGRADECER A JÚLIA POR ESTAR FAZENDO PARTE DESSE TRABALHO INCRÍVEL. E DESENVOLVENDO AQUI COM ELA EU DEIXO ESSA FRASE “PRA” VOCÊS COMO UMA FORMA DE INCENTIVAR, QUE É UMA FRASE QUE EU SEMPRE CARREGO COMIGO: A VIDA, ELA É UM CONSTANTE RECOMEÇO. NÃO SE DÊ POR DERROTADO E SIGA ADIANTE. AS PEDRAS QUE HOJE ATRAPALHAM SUA CAMINHADA, AMANHÃ ENFEITARÃO A SUA ESTRADA. MUITO OBRIGADA.</p>
<p>VINHETA TEMPO: 0:00S – 0:15S</p>	<p>https://www.youtube.com/watch?v=GQMCj3Q7cvM</p>
<p>SONORA: JULIA BORGES FECHAMENTO EP. 1</p>	<p>EU FICO POR AQUI! MAS O PRÓXIMO EPISÓDIO JÁ ESTÁ DISPONÍVEL COM MAIS DUAS ENTREVISTADAS. ATÉ MAIS!</p>
<p>VINHETA JOGO DE FUTEBOL TEMPO: 0:41s – 1m10s</p>	<p>https://www.youtube.com/watch?v=6EeSyPHO5ZE</p>
<p>VINHETA TEMPO: 0:00S – 0:15S</p>	<p>https://www.youtube.com/watch?v=GQMCj3Q7cvM</p>

<p>SONORA: JULIA BORGES ABERTURA EP. 2</p>	<p>OLÁ! SEJA MUITO BEM-VINDO, SEJA MUITO BEM-VINDA. EU SOU JULIA BORGES E ESTE É O PODCAST FUTEBOL É COISA DE MULHER, UM PODCAST SOBRE OS ESTEREÓTIPOS E O MACHISMO NO FUTEBOL FEMININO. HOJE,</p>
---	--

	<p>VAMOS CONVERSAR COM A MÁRCIA MARQUES. ELA TEM 65 ANOS E ALÉM DE JORNALISTA, ELA É PROFESSORA DE JORNALISMO NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. MÁRCIA, AGRADEÇO MUITO A SUA PARTICIPAÇÃO! VOCÊ ESCOLHEU O JORNALISMO ESPORTIVO DESDE SEMPRE?</p>
<p>SONORA: MÁRCIA MARQUES (JORNALISTA E PROFESSORA DE JORNALISMO)</p>	<p>EU NÃO ESCOLHI O JORNALISMO ESPORTIVO. EU COBRI A ÁREA PORQUE EU ERA CORRESPONDENTE; CORRESPONDENTE PRODUZ MATERIAL DE TODAS AS ÁREAS E COMO ÉRAMOS EU E UMA CHEFE CORRESPONDENTE, E ELA NÃO GOSTAVA DE ESPORTES, ENTÃO QUEM FICAVA COM ESPORTE ERA EU. ENTÃO ISSO ERA NO PARANÁ E EU JÁ COBRIA CAMPEONATO BRASILEIRO LÁ, CHEGUEI A COBRIR TOUR, FIZ UMA SÉRIE DE COISAS NO ESPORTE.</p>
<p>SONORA: JULIA BORGES</p>	<p>QUAIS EVENTOS ESPORTIVOS VOCÊ CHEGOU A COBRIR?</p>

<p>SONORA: MÁRCIA MARQUES (JORNALISTA E PROFESSORA DE JORNALISMO)</p>	<p>EU COMECEI A COBRIR FUTEBOL COMO EU FALEI QUANDO EU JÁ ESTAVA NOS ANOS OITENTA EM CURITIBA, DEPOIS EU VIM PRA BRASÍLIA... EU FUI PRIMEIRO “PRA” MATO GROSSO E DEPOIS PRA BRASÍLIA, PROFISSIONALMENTE, MAS QUANDO EU VIM PRA BRASÍLIA, EU COBRI COPA AMÉRICA EM OITENTA E NOVE. MAS ERA MUITO PORQUE NINGUÉM DA SUCURSAL QUERIA COBRIR</p>
--	--

	<p>PRIMEIRO TINHAM CONVIDADO OS RAPAZES DA SUCURSAL. QUANDO EU FALEI QUE EU JÁ COBRIA FUTEBOL E EU TOPAVA, NOSSA, MAMÃO COM AÇÚCAR.</p>
<p>SONORA: JULIA BORGES</p>	<p>VOCÊ TRABALHOU COMO CORRESPONDENTE NO ESPORTE NA DÉCADA DE 80. O FUTEBOL ERA UM ESPORTE RECENTEMENTE LIBERADO PARA AS MULHERES... VOCÊ SOFREU ALGUM TIPO DE PRECONCEITO OU MACHISMO POR SER MULHER COBRINDO O FUTEBOL?</p>

<p>SONORA: MÁRCIA MARQUES (JORNALISTA E PROFESSORA DE JORNALISMO)</p>	<p>ENTÃO, NÃO POSSO DIZER QUE TIVE PRECONCEITO PORQUE EU NÃO ESCOLHI O JORNALISMO ESPORTIVO, MAS NO JORNALISMO ESPORTIVO EU SOFRI SIM PORQUE, POR EXEMPLO, ALGUMAS VEZES EU IA COBRIR NO CAMPO NÉ? ENTÃO, EU SÓ ENTREI EM CAMPO COMO MUITOS JORNALISTAS. TEM UM ESPAÇO ALI PERTO DO GRAMADO “PRA” ASSISTIR O JOGO, EU FUI SÓ UMA VEZ E DESISTI PORQUE AS COISAS QUE FALAVAM, DO PÚBLICO FALAVA, E EU ERA A ÚNICA MULHER JORNALISTA, ERA MUITO DESCONFORTÁVEL, NÉ, PRA DIZER O MÍNIMO. QUE ISSO ERA ANOS 80, DÁ NEM “PRA” GENTE FICAR ACHANDO QUALQUER COISA ASSIM. CHEGUEI A TER AMIGAS QUE VIAM COM PRECONCEITO O FATO DE EU GOSTAR DE FUTEBOL, COMO SE FOSSE ASSIM UMA COISA QUE MULHERES NÃO</p>
--	---

	<p>DEVERIAM GOSTAR, MAS EU NUNCA DEI MUITA BOLA “PRA” ISSO, ENTÃO ISSO PRA MIM NUNCA FOI UM PROBLEMA.</p>
<p>SONORA: JULIA BORGES</p>	<p>VOCÊ COMENTOU QUE SER A ÚNICA JORNALISTA MULHER ERA DESCONFORTÁVEL EM ALGUNS MOMENTOS. VOCÊ PODE EXEMPLIFICAR?</p>

<p>SONORA: MÁRCIA MARQUES (JORNALISTA E PROFESSORA DE JORNALISMO)</p>	<p>BOM UM DESAFIO QUE EU TIVE ERA FAZER AS ENTREVISTAS DEPOIS DO JOGO. POR QUE O PESSOAL DE RÁDIO IA PRA ONDE? PRO VESTIÁRIO. ENTÃO PEGAVA OS CARAS SAINDO DO BANHO NÃO SEI O QUE RAPIDAMENTE. E EU LEMBRO QUE EU TIVE UM CASO DE UM JOGO QUE ERA UM CLUBE DO RIO EM CURITIBA E COMO ELES TINHAM PERDIDO O CAMPEONATO, EU NÃO TINHA OS MEUS AMIGOS DE RÁDIO, PORQUE EU SEMPRE PEDIA PROS MEUS AMIGOS DE RÁDIO, PRA DETERMINADA EMISSORA, E FALAR: FULANO PERGUNTA ISSO LÁ PRA MIM. PORQUE DAÍ EU IA VOLTAVA “PRA” REDAÇÃO QUE EU TINHA QUE MANDAR O MATERIAL MUITO CEDO E EU IA ANOTANDO UM AMIGO IA DIRIGINDO E EU IA ANOTANDO. EU PEDIA QUE ELE PERGUNTASSE E EU ANOTAVA AS RESPOSTAS DOS JOGADORES E FAZIA MINHA MATÉRIA. MAS TEVE UM DIA QUE O TIME DO RIO PERDEU E COMO O TIME PARANAENSE FOI “PRA” OUTRA ETAPA NINGUÉM FOI ENTREVISTAR OS</p>
--	---

	<p>JOGADORES DO TIME DO RIO, QUE ERA... NÃO SEI SE ERA BOTAFOGO, SE ERA... ALGUMA COISA ASSIM. E AÍ EU TIVE QUE IR AO VESTIÁRIO. ENTÃO A PRIMEIRA VEZ QUE EU BATI ABRIRAM PORTA DISSERAM ASSIM NÃO TEM AUTÓGRAFO E BATERAM À PORTA. AÍ EU BATI DE NOVO E DISSE OLHA NÃO EU QUERO ENTREVISTAR EU SOU DO JORNAL DO BRASIL. AÍ “PRA” SACANEAR ELE CHAMAVA OS JOGADORES, JOGADORZINHO DE TOALHA ME DAVA ENTREVISTA, ENTÃO FICAVA OLHANDO PRA CARA DELE ISSO FOI HORRÍVEL E ISSO ERA UMA SITUAÇÃO DE MACHISMO, PORQUE EU ERA A ÚNICA MULHER ALI, ENTENDEU? MAS AÍ EU FIZ DE CONTA QUE NÃO “TAVA” PREOCUPADA COM ISSO.</p>
<p>SONORA: JULIA BORGES</p>	<p>E NO TRABALHO, VOCÊ SOFREU ALGUMA RESISTÊNCIA, ERA POSSÍVEL OBSERVAR MACHISMO OU IMPUTAVAM A VOCÊ ALGUM ESTEREÓTIPO POR SER UMA JORNALISTA ESPORTIVA NAQUELE MOMENTO?</p>

<p>SONORA: MÁRCIA MARQUES (JORNALISTA E PROFESSORA DE JORNALISMO)</p>	<p>NÃO ACHO QUE ME ESTEREOTIPARAM COMO LÉSBICA OU ALGO ASSIM, NÃO, PELO MENOS ATENÇÃO NISSO, NÉ? ATÉ PORQUE, POR EXEMPLO, EU CHEGUEI A SER... EU FUI MUITO BEM ACEITA PELOS JORNALISTAS ESPORTIVOS, EU CHEGUEI A SER DA ASSOCIAÇÃO DOS CRONISTAS ESPORTIVOS DO PARANÁ. ACHO QUE DE UMA DIRETORIA</p>
--	--

	<p>INCLUSIVE. ISSO ERA UM MODO DE VER QUE EU ERA BEM ACEITA PELOS COLEGAS JORNALISTAS. EU NUNCA VI MUITO PROBLEMA COM ISSO OU EU NUNCA DEI BOLA “PRA” ISSO, ENTENDEU? ENTÃO NÃO SEI A DIFERENÇA. MAS EU ACHO QUE ASSIM EU POSSO SER QUASE UMA PIONEIRA NESSA COBERTURA, MAS EU NÃO ERA DE UMA COBERTURA PERMANENTE, QUE ISSO SÓ VAI COMEÇAR ACONTECER MUITO DEPOIS DOS ANOS NOVENTA, “PRO” FINAL DOS ANOS NOVENTA. ANTES DISSO VOCÊ NÃO PODERIA TER NADA, ENTÃO ACABA TENDO PRECONCEITO, NÉ? MAS EU ACHO QUE AS MULHERES MUDANDO ISSO.</p>
<p>SONORA: JULIA BORGES</p>	<p>DE QUE FORMA VOCÊ ACREDITA QUE AS MULHERES ESTÃO MUDANDO ISSO?</p>

<p>SONORA: MÁRCIA MARQUES (JORNALISTA E PROFESSORA DE JORNALISMO)</p>	<p>UMA COISA QUE JÁ ACONTECEU, ENTÃO VOCÊ JÁ TEVE MULHERES NARRANDO A COPA, VOCÊ JÁ TEVE... VOCÊ TEM MULHERES FAZENDO TODA A COBERTURA DA COPA AO VIVO, ENTÃO ISSO JÁ MOSTRA QUE VOCÊ TEM UMA MUDANÇA IMPORTANTE NESSE CAMPO DE FUTEBOL NÉ. NÃO SEI SE AQUI A GENTE ENFRENTA MAIS DO QUE LÁ FORA, PORQUE EU NÃO TENHO AMIGAS FORA, MAS ONDE, EM LUGARES DE ORIGEM LATINA, EU ACREDITO QUE O PRECONCEITO SEJA MAIOR NÉ. POR EXEMPLO, NOS ESTADOS UNIDOS NÃO DEVE</p>
--	---

	<p>TER MUITO, PORQUE LÁ É O FUTEBOL FEMININO QUE PREDOMINA, NÃO É O MASCULINO. ATÉ CHAMAR FUTEBOL É ENGRAÇADO. PORQUE FUTEBOL, QUANDO VOCÊ FALA SÓ FUTEBOL, JÁ SABE QUE É O FUTEBOL MASCULINO. O FUTEBOL FEMININO TEM QUE GANHAR O FEMININO. VOCÊ NÃO DIZ “AH, O FUTEBOL MASCULINO” “PRA” FALAR. NÃO. SÓ O FUTEBOL FEMININO QUE PRECISA DE QUALIFICAÇÃO. ISSO JÁ MOSTRA ESSA DIFERENÇA SOBRE QUEM JOGA. MAS NA COBERTURA DOS ESPORTES AS MULHERES ESTÃO GANHANDO ESPAÇO QUE NÃO TINHAM E ISSO É MUITO MAIS NESSA ÚLTIMA DÉCADA, NÃO É NEM NO SÉCULO PASSADO QUE FOI QUANDO EU ATUEI. PARTICIPAÇÃO FEMININA QUE ESTÁ MUDANDO ISSO. TANTO A PARTICIPAÇÃO FEMININA COMO QUEM PRODUZ A NOTÍCIA, QUER DIZER, JORNALÍSTICA. A PARTICIPAÇÃO FEMININA COMO ATLETA, QUER DIZER, VOCÊ JÁ TEM O FUTEBOL QUE MULHERES JOGAM, CAMPEONATOS INCLUSIVE QUE TEM PÚBLICO, QUE JÁ TEM PATROCÍNIO E TUDO ISSO, COMO VOCÊ TEM PÚBLICO FEMININO PARA OS ESPORTES E EU ACHO QUE É ISSO, ESSE CONJUNTO QUE É CAPAZ DE MUDAR TODAS AS COISAS E EU COSTUMO SER BASTANTE OTIMISTA.</p>

VINHETA TEMPO: 0:00S – 0:15S	https://www.youtube.com/watch?v=GQMCj3Q7cvM
SONORA: JULIA BORGES	MÁRCIA, MUITO OBRIGADA NOVAMENTE PELA SUA PARTICIPAÇÃO E CONTRIBUIÇÃO! AGORA, EU FALO COM A LUCIANA TOMASSON. ELA TEM 32 ANOS, JOGOU EM BRASÍLIA E NO GOIÁS, COLECIONANDO MEDALHAS E TROFÉUS. HOJE, O FUTEBOL É UM HOBBIE PARA ELA. LUCIANA, MUITO OBRIGADA POR ESTAR AQUI! PARA VOCÊ, O QUE É SER MULHER NO FUTEBOL?

<p>SONORA: LUCIANA TOMASSON (JOGADORA)</p>	<p>A MULHER EM SI “PRA” MIM VEM COM A, COM O SINÔNIMO MUITO FORTE CHAMADO RESILIÊNCIA. NÃO SÓ NO CAMPO DO FUTEBOL, A TODO MOMENTO ELA PRECISA PROVAR O TEMPO INTEIRO A SOCIEDADE QUE ELA É CAPAZ ELA PODE SIM SER IGUAL, QUE ELA PODE SIM SER MELHOR. EMBORA NÓS TENHAMOS AÍ UMA MULHER QUE REPRESENTA MUITO BEM O NOSSO PAÍS NÉ? SEIS VEZES MELHOR DO MUNDO E AINDA ASSIM NÃO TEMOS ESSE RECONHECIMENTO NÉ? QUE NÓS POSSAMOS SER TAMBÉM IGUAL AO FUTEBOL MASCULINO. ISSO ENTRISTECE “PRA” QUEM COMPETE, ISSO ENTRISTECE PRA QUEM CONHECE VERDADEIRAMENTE A HISTÓRIA DO FUTEBOL. E AINDA ASSIM ESCUTAR QUE UM HOMEM É MELHOR QUE UMA MULHER. NÉ... EU ACHO QUE ISSO NÃO</p>
---	---

	<p>DEVA SER COLOCADO EM PAUTA. SERIA UMA COISA QUE CADA UM TEM SEU VALOR E AMBOS PODEM SER IGUAIS OU ATÉ MESMO A MULHER MELHOR QUE O HOMEM. MAS A MULHER AINDA LEVA ESSA PALAVRA E É POR ISSO QUE A PERSISTÊNCIA DENTRO DO FUTEBOL FEMININO É MUITO GRANDE.</p>
<p>SONORA: JULIA BORGES</p>	<p>COMO VOCÊ ENXERGA ESSA RESISTÊNCIA E ESSE PRECONCEITO VIVIDO NA SUA TRAJETÓRIA NO FUTEBOL?</p>

**SONORA: LUCIANA
TOMASSON**
(JOGADORA)

MINHA TRAJETÓRIA PELO FUTEBOL NÃO É UMA HISTÓRIA TÃO LONGA, MAS É UMA HISTÓRIA MUITO INTENSA. DESDE PEQUENA, SEMPRE ME RELACIONEI COM FUTEBOL, SEMPRE TIVE UM AMOR POR ESSA ATIVIDADE. SEMPRE TIVE UM AMOR POR ESSE ESPORTE, MAS NUNCA POR ESTÍMULO DE ALGUÉM, SIM POR ESTILO PRÓPRIO. POR SEMPRE GOSTAR, POR SEMPRE ESTAR ENVOLVIDA EM BRINCADEIRAS. ENTÃO ESSE FOI SEMPRE O MEU GRANDE AMOR, O FUTEBOL. DESDE PEQUENA, SEMPRE JOGUEI E ALI DOS QUINZE AOS DEZESSEIS ANOS COMECEI A PARTICIPAR DE COMPETIÇÕES, JOGOS ABERTOS, CAMPEONATOS BRASILIENSES, CAMPEONATOS BRASILEIROS E ONDE TIVE MUITA FELICIDADE NESSES CAMPEONATOS. É UMA TRAJETÓRIA QUE EU CONSIDERO LINDA PORQUE OBTIVE RESULTADOS QUE EU

	<p>QUERIA E “ONDE” EU FUI MUITO FELIZ PROFISSIONALMENTE. EU JOGO FUTEBOL DESDE OS MEUS CINCO, SEIS ANOS ASSIM QUE ME LEMBRO E JOGUEI ATÉ OS MEUS VINTE E DOIS ANOS, PROFISSIONALMENTE, JOGANDO CAMPEONATOS FEDERADOS, CAMPEONATOS MUITO IMPORTANTES. HOJE EU AINDA JOGO, JOGO COM GRANDES AMIGAS QUE TENHO MUITO RESPEITO E ADMIRAÇÃO. TENHO UM TIME ONDE SÃO REALMENTE SÓ AMIGAS MUITO PRÓXIMAS E ASSIM QUANDO É POSSÍVEL TODAS NÓS NOS REUNIMOS E PARTICIPAMOS DE CAMPEONATOS. ASSIM COMO UM GRANDE SONHO, PASSAMOS TAMBÉM POR DIFICULDADES. E UM DELES FOI O PRECONCEITO. UMA SITUAÇÃO E UMA PALAVRA MUITO TRISTE, ONDE INFELIZMENTE ISSO AINDA ACONTECE O MULHER MACHO OU FUTEBOL É PRA MENINA OU SAI DAÍ QUE VOCÊ NÃO JOGA É SÓ PRA MENINOS, ESSE TIPO DE COISA SEMPRE MACHUCOU MUITO E ACREDITO QUE NA MINHA ÉPOCA ISSO ERA MAIS FORTE DO QUE HOJE EM DIA.</p>
<p>SONORA: JULIA BORGES</p>	<p>EM QUE MOMENTO VOCÊ ACHA QUE ESSES ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO ACONTECEM?</p>

<p>SONORA: LUCIANA TOMASSON (JOGADORA)</p>	<p>TENHO A CONCEPÇÃO QUE ISSO AINDA ACONTECE DESDE A CRIAÇÃO. EU ACHO QUE ISSO VEM UMA QUESTÃO DE CRIAÇÃO.</p>
---	--

	<p>DENTRO DAS ESCOLAS NÓS TAMBÉM TOPAMOS COM ESSE TIPO DE PROBLEMAS. ALGUNS PROFISSIONAIS NÃO SABEM DEIXAR COM QUE AS CRIANÇAS EXPERIMENTEM ESPORTES ONDE ELAS SÃO LIVRES “PRA” PRATICAR. UM EXEMPLO: MENINA JOGA QUEIMADA E VÔLEI. MENINO JOGA FUTEBOL. ISSO COMEÇA TAMBÉM DESDE UMA ESCOLA. MAS OS PAIS TAMBÉM TÊM UMA CERTA PARTE NISSO. APESAR DE QUE, DESDE CRIANÇA, NÓS JÁ TEMOS O CONCEITO DE QUE AZUL É PRA MENINA E ROSA É PRA MENINO. ENTÃO ACHO QUE ESSE TIPO DE PRECONCEITO ELE VEM NA VERDADE DE BERÇO.</p>
<p>SONORA: JULIA BORGES</p>	<p>LUCIANA, VOCÊ FALA QUE A ESCOLA TEM PAPEL NISSO. COMO VOCÊ PODE EXEMPLIFICAR ISSO, SENDO UMA EDUCADORA FÍSICA?</p>

**SONORA: LUCIANA
TOMASSON**
(JOGADORA)

DENTRO DA ESCOLA ONDE EU TRABALHO, GERALMENTE TINHA ALI EM TORNO DE DUAS A TRÊS MENINAS QUE GOSTAVAM DE JOGAR. SÓ QUE EU NÃO SABIA QUE EXISTIA MAIS MENINAS DENTRO DO COLÉGIO QUE QUERIAM TAMBÉM A MESMA COISA. MAS POR VERGONHA OU ATÉ MESMO POR DISCRIMINAÇÃO DOS MENINOS, DE TIPO: NÃO VOCÊ NEM SABE JOGAR! ESSE TIPO DE COISA FAZIA COM QUE AS MENINAS RECUASSEM DA QUADRA, MAS TRAZENDO ESSAS DUAS A TRÊS

	<p>QUE GOSTAM DE JOGAR EU SEMPRE INCLUÍA “ELA” NO TIME DOS MENINOS E O QUE QUE ACONTECE, QUANDO EU FALEI PRA ELAS, VAMOS LÁ, VAMOS CHAMAR AS OUTRAS MENINAS QUE A GENTE MONTA UM HORÁRIO SÓ DE VOCÊS. EU NÃO DIVIDI MENINAS DE MENINOS, MAS EU CONSEGUI FAZER COM QUE OS MENINOS ENTENDESSEM QUE AS MENINAS TAMBÉM PODERIAM JOGAR. HOJE ELAS TÊM UM HORÁRIO ESPECÍFICO “PRA” ELAS E ONDE OS MENINOS PEDEM PRA JOGAR JUNTO COM ELAS. ELES VIRAM O CRESCIMENTO DELAS, A DEDICAÇÃO DELAS E VIRAM “QUE” TAMBÉM QUE ELAS SÃO CAPAZES. ENTÃO ACREDITO QUE FOI FEITO UM BOM TRABALHO COLETIVO PORQUE ATÉ MESMO SE NÃO PARTISSEM DELAS, DO QUERER DELAS, TAMBÉM NÃO ADIANTARIAM. MAS HOJE NÓS NÃO TEMOS NENHUM TIPO DE PRECONCEITO QUANTO AO FUTEBOL DENTRO DA ESCOLA. ANTES REALMENTE, TINHA ATÉ MESMO PORQUE NÃO ERA TRABALHADO ISSO DENTRO DA ESCOLA. HOJE NÓS TEMOS, COM MUITA FELICIDADE, MENINAS QUE REALMENTE PARTICIPAM DO TREINO, DOS TREINOS, PARTICIPAM DE CAMPEONATOS E VEJO AÍ UMA GAROTADA MUITO FELIZ.</p>
<p>SONORA: JULIA BORGES</p>	<p>COMO VOCÊ SE SENTE HOJE EM RELAÇÃO AO FUTEBOL FEMININO NO BRASIL, EM RELAÇÃO</p>

	<p>ÀS SUAS COLEGAS DE CAMPO QUE DECIDIRAM SEGUIR NO ESPORTE?</p>
<p>SONORA: LUCIANA TOMASSON (JOGADORA)</p>	<p>FICO MUITO FELIZ EM SABER QUE HOJE A MULHER TEM MAIS VOZ, A MULHER TEM O SEU LUGAR E QUE AS COISAS ESTÃO MODIFICANDO AOS POUCOS, MAS ESTÃO. FICO MUITO FELIZ EM SABER QUE HOJE AS MULHERES ESTÃO SENDO MAIS RECONHECIDAS, MAIS ASSISTIDAS, MAIS OUVIDAS E É COM MUITA ALEGRIA MESMO “PRAS” MINHAS AMIGAS QUE HOJE “CONTINUA” NO FUTEBOL PROFISSIONAL E SABER QUE ELAS TÊM UMA VISIBILIDADE MELHOR. MUITAS OUTRAS JÁ PASSARAM, NÃO FORAM VISTAS INFELIZMENTE. MAS SÓ DE SABER QUE ISSO ESTÁ MUDANDO JÁ É GRATIFICANTE “PRA” NÓS QUE PARTICIPAMOS DE UMA FASE, DE UMA ETAPA ONDE ISSO NÃO ERA POSSÍVEL. MAS É MUITA FELICIDADE MESMO SABER QUE ALGO ESTÁ SENDO FEITO POR ISSO.</p>
<p>VINHETA TEMPO: 0:00S – 0:15S</p>	<p>https://www.youtube.com/watch?v=GQMCj3Q7cvM</p>

<p>SONORA: JULIA BORGES FECHAMENTO EP. 2</p>	<p>LUCIANA, MAIS UMA VEZ MUITO OBRIGADA PELA SUA PARTICIPAÇÃO! QUE O SEU TRABALHO REVOLUCIONE E DÊ CADA VEZ MAIS OPORTUNIDADES PARA MENINAS QUE QUEREM JOGAR! EU FICO POR AQUI, MAS O</p>
---	---

	<p>TERCEIRO EPISÓDIO JÁ ESTÁ DISPONÍVEL. ATÉ MAIS!</p>
<p>VINHETA JOGO DE FUTEBOL TEMPO: 0:41s – 1m10s</p>	<p>https://www.youtube.com/watch?v=6EeSyPHO5ZE</p>
<p>VINHETA TEMPO: 0:00S – 0:15S</p>	<p>https://www.youtube.com/watch?v=GQMCj3Q7cvM</p>
<p>SONORA: JULIA BORGES ABERTURA EP. 3</p>	<p>OLÁ! SEJA MUITO BEM-VINDO, SEJA MUITO BEM-VINDA. EU SOU JULIA BORGES E ESTE É O PODCAST FUTEBOL É COISA DE MULHER, UM PODCAST SOBRE OS ESTEREÓTIPOS E O MACHISMO NO FUTEBOL FEMININO. NESTE EPISÓDIO, VAMOS CONVERSAR COM A BEATRIZ CAVALCANTI. ELA TEM 24 ANOS E É PROFESSORA DE EDUCAÇÃO FÍSICA APAIXONADA POR FUTEBOL. BEATRIZ, COMO FOI O INÍCIO DO ESPORTE PARA VOCÊ?</p>

<p>SONORA: BEATRIZ CAVALCANTI (EDUCADORA FÍSICA)</p>	<p>BEM NO INÍCIO SEMPRE TEVE AQUILO DE MENINA NÃO SABE JOGAR, MAS PESSOALMENTE ISSO NÃO DUROU POR MUITO TEMPO, PORQUE UMA VEZ QUE EU MOSTRAVA QUE EU TINHA HABILIDADE, OS MENINOS EM VOLTA SEMPRE ME ACEITARAM MUITO BEM. NÃO ACEITAVAM MUITO AS OUTRAS MENINAS QUE QUERIAM APRENDER. MAS COMO EU JÁ TINHA UMA NOÇÃO, TINHA HABILIDADE, ELES SEMPRE ME ACEITARAM. MAS ISSO É ALGUMA</p>
---	---

	<p>COISA PRESENTE, NÉ? QUE A GENTE PERCEBE ÀS VEZES NO OLHAR DE UM PAI, NUM OLHAR DE ALGUM MENINO QUE AINDA NÃO ESTÁ ACOSTUMADO NÉ? QUE FUTEBOL NÃO É PRA MULHER E ISSO SEMPRE SEGUIU NA MÍDIA, ISSO SEMPRE ESTÁ APARECENDO CONSTANTEMENTE AO MEU REDOR. FELIZMENTE EU NÃO TIVE QUE LIDAR MUITO COM ISSO, MINHA FAMÍLIA TAMBÉM SEMPRE ME APOIOU, APESAR QUE MINHA MÃE NUNCA GOSTOU MUITO PORQUE EU SEMPRE VOLTO CHEIA DE ROXO, VOLTO MACHUCADA, MAS ELA SEMPRE ME APOIOU.</p>
--	---

<p>SONORA: JULIA BORGES</p>	<p>FORA ESSA RESISTÊNCIA INICIAL, VOCÊ PERCEBIA ALGUM PRECONCEITO MESMO QUANDO CRIANÇA? E COMO VOCÊ VÊ ISSO HOJE?</p>
<p>SONORA: BEATRIZ CAVALCANTI (EDUCADORA FÍSICA)</p>	<p>NUNCA PERCEBI NENHUM PRECONCEITO DIRETAMENTE PARA MIM, MAS EU CONSIGO PERCEBER OUTRAS QUE MENINAS SOFREM ISSO. EU VEJO PRINCIPALMENTE MUITO HOJE EM DIA AINDA NAS REDES SOCIAIS, AS PESSOAS CULTURALMENTE ELES TÊM ESSA IDEIA DE QUE FUTEBOL É ESPORTE DE HOMEM QUE MULHER NÃO VAI JOGAR MULHER JOGA, OU QUANDO MULHER JOGA NÃO SABE JOGAR. PORQUE O JOGO É DIFERENTE E ELES NÃO ENTENDEM ISSO. E ISSO AINDA É ALGO MUITO RECORRENTE, MAS É ALGO CULTURAL. E ATÉ</p>

	<p>A GENTE CONSEGUIR MUDAR ESSA IDEIA DA CABEÇA DAS PESSOAS. EU ACHO QUE AINDA VAI DEMORAR UM TEMPO, APESAR QUE A GENTE JÁ CONSEGUIU EVOLUIR BASTANTE ISSO... INFELIZMENTE AINDA ACONTECE NÉ? ESSE PRECONCEITO AINDA ESTÁ PRESENTE. MUITAS CRIANÇAS ACABAM REPRODUZINDO PORQUE OUVEM ALGUÉM FALANDO OU O PAI REPRODUZ.</p>
--	--

<p>SONORA: JULIA BORGES</p>	<p>QUAL É A VISÃO QUE VOCÊ TEM COMO TÉCNICA SOBRE O SEU PAPEL NA MUDANÇA DESSE PROCESSO DENTRO DO FUTEBOL?</p>
<p>SONORA: BEATRIZ CAVALCANTI (EDUCADORA FÍSICA)</p>	<p>A GENTE “TÁ” TENTANDO MUDAR ESSA CULTURA DESDE CEDO. EU SEMPRE CONVERSO COM OS MEUS ALUNOS, TENTO PASSAR VISÕES POSITIVAS DO FUTEBOL FEMININO. EU ACHO SIM QUE O PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA TEM A CAPACIDADE DE ENFRENTAR ESSES PRECONCEITOS, TEM A CAPACIDADE DE TORNAR OS ESPORTES MAIS INCLUSIVOS E TEM SIM COMO MUDAR E ABRIR A CABEÇA DOS JOVENS HOJE EM DIA NÉ. QUEM AINDA TEM ESSE PRECONCEITO, O PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA TEM A CAPACIDADE DE MUDAR ESSE ESTEREÓTIPO. TEM ESSA CAPACIDADE DE FAZER ESSA INCLUSÃO. EU MESMO COMO PROFISSIONAL DA ÁREA, EU SEMPRE TENTO DAR VISÕES POSITIVAS PARA OS MEUS ALUNOS SOBRE O FUTEBOL</p>

	<p>FEMININO, QUANDO ALGUM ALUNO MEU REPRODUZ ALGUM PRECONCEITO QUE ELE VIU NA TV OU NA INTERNET OU ATÉ QUE ALGUÉM DA FAMÍLIA PASSOU “PRA” ELE, EU TENTO CONVERSAR E MUDAR ESSA VISÃO DO MEU ALUNO, TENTO DAR REFERÊNCIAS POSITIVAS DO FUTEBOL FEMININO, TENTO FAZER COM QUE ELES VEJAM OS JOGOS, EU SEMPRE COMENTO: “AH, VAI TER JOGO DA SELEÇÃO FEMININA TAL DIA.” OU “AH, ESTÁ TENDO O JOGO DA CHAMPIONS TAL DIA.” EU TENTO MUDAR ESSA VISÃO DELES, NÉ?</p>
<p>SONORA: JULIA BORGES</p>	<p>VOCÊ JÁ TEVE QUE LIDAR COM ALGUMA SITUAÇÃO DE MACHISMO ENTRE SEUS ALUNOS?</p>
<p>SONORA: BEATRIZ CAVALCANTI (EDUCADORA FÍSICA)</p>	<p>POR ENQUANTO, NÃO TENHO NUNCA TIVE TANTOS PROBLEMAS EM RELAÇÃO A ISSO NÉ? TEVE UMA SITUAÇÃO RECENTE AGORA COM UM SUB DEZOITO MASCULINO. QUE EU NÃO SOU TREINADORA DELES, EU SOU ERA ASSISTENTE NA ÉPOCA DO SUB DEZOITO FEMININO, E AÍ ESSES MENINOS ELES REPRODUZIRAM UMA IDEIA MACHISTA, PRECONCEITUOSA, IMEDIATAMENTE OS TÉCNICOS DELES E O DIRETOR DAS ATIVIDADES DA ESCOLA CONVERSARAM COM ELES, DERAM UMA BELA DE UMA BRONCA “PRA” ELES ENTENDEREM POR QUE ELES FIZERAM ERRADO. SÓ QUE A SITUAÇÃO</p>

	DELES
--	-------

	<p>TAMBÉM ALÉM, CLARO, DO MACHISMO QUE JÁ TÁ ENRAIZADO NA CABEÇA DELES, NÉ? PORQUE JÁ SÃO MENINOS DE QUASE DEZOITO ANOS. TEM TAMBÉM UMA QUESTÃO DE QUE ELES SÃO MENINOS MUITO PRIVILEGIADOS, SÃO DE FAMÍLIAS RICAS, DE FAMÍLIAS PODEROSAS, DE PESSOAS INTERNACIONAIS... ENTÃO ELES TÊM ESSA NOÇÃO DE QUE ELES TÊM ESSE PODER E PORQUE ELES SÃO HOMENS, ELES TÊM MAIS PODER AINDA. ENTÃO, ISSO TAMBÉM ACABOU INFLUENCIANDO. SÓ QUE NO GERAL OS MEUS ALUNOS TEM SIDO MUITO MENTE ABERTA, COMPREENSIVOS, MUITOS INCLUSIVE VEEM EM ALGUMA DAS MINHAS MENINAS TREINANDO E TEM A NOÇÃO DE QUE ELAS SÃO MELHORES E DE QUE ELAS CONSEGUEM TER MUITO MAIS CAPACIDADE ÀS VEZES DO QUE ATÉ ELES TÊM NESSE MOMENTO E VEEM ELAS COMO MODELOS A SE SEGUIR NÉ? PORQUE ELAS ESTÃO SEMPRE LÁ TREINANDO, EVOLUINDO, ENTÃO MUITOS DESSES MENINOS QUE SABE QUE ELAS JOGAM MUITO BEM, VEM ELAS COMO MODELOS E QUEREM SEGUIR OS PASSOS DELAS.</p>
<p>SONORA: JULIA BORGES</p>	<p>E O QUE É IDEAL NAS ESCOLINHAS HOJE DE FUTEBOL PARA AJUDAR ESSAS MENINAS A NÃO DESISTIREM DO ESPORTE E PERSISTIREM MESMO COM PRECONCEITOS, MACHISMO E ESTEREÓTIPOS IMPOSTOS DESDE PEQUENAS?</p>

<p>SONORA: BEATRIZ CAVALCANTI (EDUCADORA FÍSICA)</p>	<p>ENTÃO, ACHO QUE É TER UMA FIGURA FEMININA PARA AJUDAR A DESENVOLVER O FUTEBOL FEMININO NÉ. HOJE EM DIA EU TRABALHO NA ESCOLA AMERICANA DE BRASÍLIA E NA FUNDAÇÃO REAL MADRID DE BRASÍLIA, E O PRIMEIRO PASSO IDEAL É TER UMA MULHER TRABALHO JUNTO NÉ. E EU ENTREI NA ESCOLA AMERICANA POR CAUSA DISSO, PORQUE ELES PRECISAVAM DESSA FIGURA NO TIME FEMININO SUB DEZOITO, ENTÃO EU ENTREI COMO ASSISTENTE. HOJE EM DIA, EU VOU COMEÇAR COMO TREINADORA PRINCIPAL DO SUB-15 QUE ATÉ SEMESTRE PASSO ERA TREINADO POR UM HOMEM. ENTÃO, O PRIMEIRO PASSO É TER ESSA FIGURA FEMININA. EU TAMBÉM DOU AULA “PRA” OUTRAS TURMAS MENORES QUE SÃO TURMAS MISTURADAS MENINOS E MENINAS. E EU ACHO QUE É IMPORTANTE TER ESSA FIGURA “PRAS” MENINAS PODEREM SE ESPELHAR NÉ? PORQUE MUITAS VEZES QUANDO É SÓ HOMEM, MUITAS VEZES ELAS NÃO SE SENTEM REPRESENTADAS. ENTÃO O PRIMEIRO PASSO “PRA” MIM SERIA ISSO.</p>
<p>SONORA: JULIA BORGES</p>	<p>BEATRIZ, AGRADEÇO DEMAIS A SUA PARTICIPAÇÃO! FOI MUITO IMPORTANTE CONTAR COM O SEU RELATO COMO EDUCADORA FÍSICA.</p>

<p>SONORA: BEATRIZ CAVALCANTI (EDUCADORA FÍSICA)</p>	<p>“PRA” AGRADECER MESMO PELA OPORTUNIDADE DE PARTICIPAR, POR VOCÊ TAMBÉM ESTAR FAZENDO UM TRABALHO SOBRE O FUTEBOL FEMININO, QUE É A MINHA GRANDE PAIXÃO, E QUE EU TAMBÉM FIZ MEU TCC SOBRE O FUTEBOL FEMININO. E QUE EU ESPERO QUE CADA VEZ MAIS PESSOAS COMECEM A FALAR MAIS SOBRE, COMECEM A VALORIZAR MAIS O FUTEBOL FEMININO.</p>
<p>VINHETA TEMPO: 0:00S – 0:15S</p>	<p>https://www.youtube.com/watch?v=GQMCj3Q7cvM</p>
<p>SONORA: JULIA BORGES</p>	<p>AGORA, EU TENHO O PRAZER DE RECEBER A LUIZA BOARETTO. ELA TEM 28 ANOS. É JORNALISTA ESPORTIVA NA ESPN E CONVIVEU COM O ESPORTE DESDE PEQUENA, GRAÇAS A SUA MÃE QUE ERA PROFESSORA DE EDUCAÇÃO FÍSICA. LUIZA, MUITO OBRIGADA POR ESTAR AQUI. VOCÊ TRABALHA APENAS COM JORNALISMO ESPORTIVO? E POR QUE OPTOU POR ESSA ÁREA?</p>

<p>SONORA: LUIZA BOARETTO (JORNALISTA ESPORTIVA DA ESPN)</p>	<p>ATUALMENTE, EU TRABALHO SÓ COM JORNALISMO ESPORTIVO, EU TRABALHO NA ESPN. EU SEMPRE JOGUEI FUTEBOL, NA VERDADE EU SEMPRE JOGUEI TODOS OS ESPORTES. MINHA MÃE ERA PROFESSORA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, ENTÃO EU FUI CRIADA NO MEIO DE BOLA, DE REDES, DE TUDO. ENTÃO, EU SEMPRE JOGUEI ASSIM TUDO E TAMBÉM</p>
---	--

	<p>FAZIA BALÉ, SAPATEADO, TODOS OS ESTILOS DE DANÇA. ENTÃO, EU POSSO DIZER QUE EU JÁ NASCI NO MEIO DO ESPORTE. PRINCIPALMENTE FUTEBOL MUITO POR CONTA DA MINHA MÃE. EU SEMPRE TIVE UM PEZINHO NO ESPORTE, POR CONTA DISSO EU JÁ FUI CURSAR O JORNALISMO COM FOCO NO JORNALISMO ESPORTIVO. MAS ANTES DE CONSEGUIR ENTRAR NESSE RAMO - QUE É UM RAMO ACABA SENDO BEM DIFÍCIL -, EU TAMBÉM TRABALHEI NA CBN, ANTES DE IR PRO ESPORTIVO, EU TRABALHEI EM HARD NEWS TAMBÉM. E EU BRINCO QUE FOI UMA ESCOLA PRA MIM. PORQUE COMO ERA RÁDIO, EU APRENDI MUITO A ENTRAR AO VIVO, TODA MALÍCIA DO RÁDIO. MAS EU CONTINUEI ALI COM A MINHA PAIXÃO NO ESPORTE. EM DOIS MIL E VINTE E UM EU ENTREI NA ESPN. E ASSIM PRA MIM FOI UM SONHO, PORQUE MEU TCC FOI SOBRE FUTEBOL, TUDO NA MINHA VIDA ERA FUTEBOL E QUANDO APARECEU ESSA OPORTUNIDADE NA ESPN, QUE É UM SONHO PRA TODO MUNDO QUE QUER IR PRA ESSA ÁREA, EU FIQUEI MUITO FELIZ.</p>
<p>SONORA: JULIA BORGES</p>	<p>VOCÊ TRABALHA HOJE COM UM JORNALISMO AINDA MAIS ESPECIALIZADO NO FUTEBOL. POR SER MULHER, VOCÊ NOTA ALGUMA DIFERENÇA POR ESTAR NESSA ÁREA?</p>

<p>SONORA: LUIZA BOARETTO (JORNALISTA ESPORTIVA DA ESPN)</p>	<p>EU SINTO QUE QUANDO VOCÊ É MULHER VOCÊ PRECISA TER MAIS PROPRIEDADE DE FALA. E NO MEU TCC EU ABORDEI ISSO MUITO COMO TORCEDORA, NÃO COMO JORNALISTA. MAS É BASICAMENTE A MESMA COISA. QUANDO UM HOMEM FALA QUE ELE TORCE “PRA” UM TIME, NINGUÉM PERGUNTA QUANDO FOI CAMPEÃO, QUEM É O GOLEIRO, NEM NADA. QUANDO PERGUNTAM “PRA” UMA MULHER QUE TIME ELA TORCE E ELA FALA, AS PESSOAS SEMPRE ACABAM QUERENDO QUE ELA PROVE QUE ELA CONHECE O TIME, QUE ELA É A MAIOR FÃ DO TIME E NA VERDADE NÃO. A PESSOA SIMPLEMENTE PODE TORCER PORQUE A TORCIDA, O FUTEBOL ACABA SENDO UMA COMUNIDADE. E QUANDO VOCÊ É JORNALISTA ESPORTIVA, VOCÊ TEM QUE SER MAIS QUE TODO MUNDO, PORQUE VOCÊ ACABA TENDO QUE SE PROVAR. SE UM HOMEM FALA UMA BESTEIRA, AS PESSOAS VÃO NOTAR A BESTEIRA E FALAR: AH, É BESTEIRA. MAS SE UMA MULHER FALA UMA BESTEIRA, ELA A GENTE SABE QUE SOFRE MUITO MAIS.</p>
<p>SONORA: JULIA BORGES</p>	<p>VOCÊ TEM APOIO NO TRABALHO PARA LIDAR COM ESSE TIPO DE SITUAÇÃO?</p>

<p>SONORA: LUIZA BOARETTO (JORNALISTA</p>	<p>É, TODAS AS MULHERES QUE EU TRABALHEI JUNTO, EU TENHO ESSA SORTE. A MARIANA SPINELLI, A LAURA, A ISA, TODO MUNDO QUE</p>
--	---

<p>ESPORTIVA DA ESPN)</p>	<p>TÁ ALI AO MEU REDOR É UM MEIO QUE - A PRÓPRIA NATASHA TAMBÉM - É UM MEIO QUE NÃO QUER PISAR UMA EM CIMA DA OUTRA. A GENTE TEM MUITA CONSCIÊNCIA QUE A GENTE PRECISA CHEGAR LÁ JUNTAS. ENTÃO, SE UMA CHEGOU, A GENTE QUER QUE TODO MUNDO CHEGUE, A GENTE QUER “TÁ” LÁ; E SE UMA “TÁ” LÁ, A GENTE ESTÁ FELIZ PORQUE ELA “TÁ” LÁ, PORQUE SÃO AS PORTAS SE ABRINDO.</p>
<p>SONORA: JULIA BORGES</p>	<p>ALÉM DE TER QUE PROVAR SEMPRE SUA CAPACIDADE, VOCÊ JÁ PASSOU POR ALGUM MOMENTO CONSTRANGEDOR DURANTE A SUA CARREIRA POR FAZER COBERTURA DE FUTEBOL?</p>

<p>SONORA: LUIZA BOARETTO (JORNALISTA ESPORTIVA DA ESPN)</p>	<p>QUANDO EU FALO QUE EU SOU JORNALISTA DA ESPN AS PESSOAS COMEÇAM A OLHAR COM OUTROS OLHOS. PORQUE ELAS “MEIO QUE” CAEM NA REAL: VIXE, ACHO QUE ESSA MENINA ENTENDE. ENTÃO, COMO MULHER QUE FALA DE FUTEBOL, ÀS VEZES ME JULGAM “AH, VOCÊ ESTÁ FALANDO ERRADO” E NA VERDADE, QUANDO EU FALO QUE EU TENHO PROPRIEDADE, QUANDO EU EXPLICO, AS PESSOAS PERCEBEM “NOSSA ACHO QUE ELA TEM RAZÃO, ELA ESTUDA E ELA ENTENDE”. A GENTE TEM VÁRIOS CASOS DE PRECONCEITOS E CONSTRANGIMENTOS. A GENTE TEVE A PRÓPRIA REPÓRTER DA ESPN QUE “TAVA” NO</p>
---	--

	<p>AO VIVO E UM TORCEDOR PASSOU E DEU UM BEIJO NELA. E ELA NA HORA TRAVOU E ACABOU INDO PRA DELEGACIA, E TEVE TODOS OS TRÂMITES. E A GENTE ALI, NOS BASTIDORES, A GENTE PERCEBEU O CHOQUE QUE ELA “TAVA”. E ISSO ACABA AFETANDO A GENTE TAMBÉM. ACABA AFETANDO A EQUIPE, ACABA AFETANDO A EMPRESA. PORQUE A GENTE VÊ A NOSSA AMIGA, A NOSSA COMPANHEIRA MAL DESESTABILIZADA E A GENTE NÃO QUER QUE ISSO ACONTEÇA COM NINGUÉM, PORQUE É MUITO ERRADO ISSO. DOS TORCEDORES, DOS HOMENS ACHAREM QUE TEM DOMÍNIO DO NOSSO CORPO, QUE NÓS ESTAMOS ALI TRABALHANDO E ELES ACHAREM QUE PODE DAR UM BEIJO NA GENTE, QUE PODE MEXER COM A GENTE. E NÃO, NÃO PODE.</p>
<p>SONORA: JULIA BORGES</p>	<p>NA SUA ANÁLISE, O QUE FALTA NO BRASIL PARA QUE O FUTEBOL FEMININO GANHE UM REAL ESPAÇO E DEIXE DE LADO TANTO PRECONCEITO, MACHISMO E ESTEREÓTIPOS E DÊ LUGAR A VITÓRIAS PARA TODAS AS MULHERES EM TODO OS NÍVEIS QUE TRABALHAM ENVOLVIDAS COM O ESPORTE?</p>

<p>SONORA: LUIZA BOARETTO (JORNALISTA ESPORTIVA DA ESPN)</p>	<p>O BRASIL AINDA “TÁ” MUITO ATRASADO NO FUTEBOL FEMININO. SEJA EM INVESTIMENTOS, SEJA EM CATEGORIAS DE BASE, NO PRÓPRIO PÚBLICO, SEJA NA PRÓPRIA</p>
--	---

EQUIPE QUE NÃO DÁ O DEVIDO LUGAR “PRO” FUTEBOL FEMININO. A GENTE TEM O CORINTHIANS QUE FAZ UMA CAMPANHA MARAVILHOSA MUITO POR CONTA DA TORCIDA, MAS ISSO ACABA SENDO EXCEÇÃO DA EXCEÇÃO. ENTÃO SIM, O FUTEBOL FEMININO TEM TODO O PRECONCEITO, TEM TODO O MACHISMO, EU JÁ VI, EU JÁ VIVI OS BASTIDORES TAMBÉM, PRINCIPALMENTE, A GENTE QUE TEM É UM POUCO MAIS ESSA LIBERDADE DE SABER OS ASSUNTOS INTERNOS ACABA SENDO BEM DECEPCIONANTE. SÓ QUE É ISSO... AS MULHERES COM AJUDA DE VÁRIAS PESSOAS, A GENTE “TÁ” AQUI PRA OCUPAR NOSSO ESPAÇO NA MÍDIA ESPORTIVA, QUE HOJE EM DIA JÁ CRESCEU BASTANTE, MAS AGORA A GENTE PRECISA CRESCER CADA VEZ MAIS. NÃO IMPORTA “TÁ” SÓ NA MÍDIA, A GENTE TEM MUITAS MULHERES NOS BASTIDORES TAMBÉM E COM CERTEZA PRECISAMOS DE MULHERES TAMBÉM EM CARGOS EXTERNOS, EM CARGOS INTERNOS, CADA VEZ MAIS PRA GENTE PELO MENOS CHEGAR A UMA EQUIDADE, NÉ? DE NÚMERO. E NO FUTEBOL FEMININO A GENTE TAMBÉM PRECISA LUTAR CADA VEZ MAIS POR DEBATES, POR ESPAÇO NA MÍDIA, POR DINHEIRO DE INVESTIDORES... AOS POUQUINHOS E POUQUINHOS A GENTE VAI CONSEGUINDO MELHORAR A

	<p>ESTRUTURA, MELHORAR A COBERTURA “PRA” TENTAR ACABAR DE VEZ COM O PRECONCEITO, SEJA ELES DE TORCEDORES, DE EQUIPES E DE TODO MUNDO CONTRA O MACHISMO QUE TEM COM AS JORNALISTAS, COM ÁRBITRAS, COM JOGADORAS E COM A PRÓPRIA MODALIDADE.</p>
--	--

SONORA: JULIA BORGES
(RELATO PESSOAL)

EU NÃO PODERIA DEIXAR DE FALAR TAMBÉM A MINHA HISTÓRIA COM O FUTEBOL, QUE FOI O QUE ME INSPIROU A DESENVOLVER ESTE PROJETO. EU COMECEI A JOGAR POR INFLUÊNCIA DO MEU AVÔ, A QUEM TAMBÉM DEDICO O PODCAST, E NÃO PAREI MAIS. SEMPRE FUI APAIXONADA POR FUTEBOL! MAS POR NÃO SER UMA MENINA TÃO FEMININA NA INFÂNCIA, LIDEI COM OS ESTEREÓTIPOS DESDE CEDO. ISSO NUNCA ME IMPEDIU DE JOGAR, PELO CONTRÁRIO. QUANDO OS MENINOS PENSAVAM EM ME REJEITAR, EU FAZIA QUESTÃO DE DAR UM SHOW DENTRO DE QUADRA E PASSEI A SER MAIS QUERIDA E SEMPRE A PRIMEIRA A SER ESCOLHIDA PARA OS TIMES. OU SEJA, NÓS TEMOS SEMPRE QUE PROVAR QUE SOMOS BOAS PARA ESTAR EM AMBIENTES MASCULINOS. CONFORME EU FUI CRESCENDO, MINHA MÃE E MEU PAI SE PREOCUPAVAM, PORQUE EU JOGAVA MAJORITARIAMENTE COM GAROTOS E HOMENS. ALGUNS FAZIAM JOGADAS DE MALDADE PARA MACHUCAR, OUTROS NÃO

	<p>PERDIAM A OPORTUNIDADE DE FAZER CHACOTA. NUNCA PAREI POR ISSO E NEM MESMO POR JULGAREM SE EU ERA LÉSBICA OU SAPATÃO, COMO SEMPRE GOSTAM DE IMPUTAR A UMA MENINA OU MULHER QUE JOGA FUTEBOL. O QUE EU QUERO DIZER É QUE NOSSA SEXUALIDADE, O QUE VESTIMOS, COMO FALAMOS, NÃO NOS IMPEDE E NEM NOS IMPÕEM QUE JOGUEMOS BOLA BEM OU MAL. NÓS SÓ QUEREMOS JOGAR! INDEPENDENTE DE PROFISSIONALIZAR OU NÃO. O FUTEBOL FEMININO NÃO É FEIO, É DESVALORIZADO. POR ISSO, DEIXO AQUI MEU MUITO OBRIGADA A TODAS AS ENTREVISTADAS QUE TOPARAM CONVERSAR COMIGO E FALAR SOBRE SUAS EXPERIÊNCIAS E QUERO DIZER A TODAS AS MENINAS E MULHERES QUE ESCUTAM ESSE PODCAST: NÃO DESISTAM! JOGUEM! MOSTREM QUE VOCÊS TÊM ESPAÇO E DIREITO! E NÃO SERÃO OS ESTEREÓTIPOS E O MACHISMO QUE IRÃO NOS PARAR.</p>
<p>VINHETA</p> <p>TEMPO: 0:00S – 0:15S</p>	<p>https://www.youtube.com/watch?v=GQMCj3Q7cvM</p>

<p>SONORA: JULIA BORGES FECHAMENTO EP. 4</p>	<p>ESSE FOI O PODCAST FUTEBOL É COISA DE MULHER. ESPERO QUE VOCÊ, OUVINTE, TENHA APRENDIDO COM AS VIVÊNCIAS DESSAS MULHERES E POSSA IMPEDIR QUE MAIS MENINAS E MULHERES SEJAM ALVOS DE</p>
---	--

	<p>MACHISMO E ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO. QUE POSSAMOS TER UM FUTURO COM MAIS VITÓRIAS DENTRO DE CAMPO E MENOS DERROTAS SOCIAIS PARA O FUTEBOL FEMININO BRASILEIRO. EU ME DESPEÇO AQUI! ATÉ A PRÓXIMA!</p>
--	--